GUILHERME DE FARIA

SAUDADE MINHA

(poesias escolhidas)

LISBOA

M CM XXIX

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.F23
S38

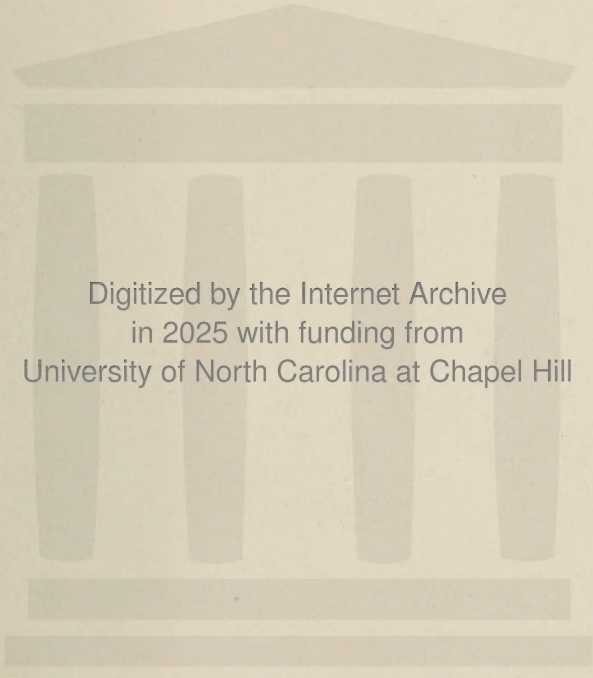
SAUDADE MINHA

DO AUTOR

POEMAS.
MAIS POEMAS.
SOMBRA.
SAUDADE MINHA.
ORAÇÃO A SANTO ANTÓNIO DE LISBOA.
DESTINO.
MANHÃ DE NEVOEIRO.
DESENCANTO.
SAUDADE MINHA (poesias escolhidas).

NO PRELO

ANTOLOGIA DE POESIAS RELIGIOSAS.



Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/saudademinhapoes00unse

Guilherme de Faria.

GUILHERME DE FARIA

PQ9261
.F23
.S38
R.C.

SAUDADE MINHA

(poesias escolhidas)

LISBOA
M CM XXIX

Em dois sítios me achareis,
Por desgraça ou por ventura:
Os ossos na sepultura,
E a alma nêstes papeis.

BANDARRA.

POEMAS
E MAIS POEMAS

MCMXXI

CREPUSCULAR

NUM grande mar de luz, a tarde cai,
Morre, desfeita em sombras ... E a tristeza
Da agonia do sol que, ao longe, vai
Expirando, anoitece a natureza.

Hora triste e magoada como um ai!
Hora saudosa, eterna e portugueza!
—Ave Maria ... Ave Maria ... —E cai,
Mais profunda e nostalgica, a tristeza.

Pairam nuvens de sonho sôbre os montes;
E, mudo, ouvindo a música das fontes,
Eu vou com ela, extático, a sonhar!

E, no mar, vai o sol a esmorecer...
— Quem me dera, meu Deus, tambem morrer
Para, àmanhã, no azul — ressuscitar!

CARTA DO MAR

MANUEL, vou-te escrever...
O Sol lá vai no mar quasi a morrer,
E aqui, junto do mar,
Vivo a morrer tambem...
Tenho os meus olhos rôxos de chorar,
Sou uma sombra saudosa de ninguem.

Sósinho e triste, aqui sentado sôbre a areia,
Sinto que o pensamento, inquieto, se incendeia

E sinto-me febril! Meu Deus, o desespêro
Atinge o ceu! E, aflicto e desvairado, quero
Cantar, sonhar, viver!

E o sol vai a morrer,
Ao longe, sôbre o mar...

E eu quedo-me a scismar
Numa vaga e profunda nostalgia,
E choro ao ver o mar...

Mas, ao entrar o sol na hora da agonia,
Chove doçura... E vai a esmorecer o dia...

Chove doçura; e na minha alma cai
A tristeza mais triste do que um ai,
Tristeza que é doçura e suavidade.

E com unção piedosa e humildade,
Eu lembro o meu Amor...
—Amor que, antes de o ser, se fez saudade,
E que é o sonho desta alma sempre inquieta,
E é luz e ceu, ingenuo e divino,
Onde chora a descrença de poeta
E onde canta a inocencia de menino!

E lembro-me de mais...
—Vejo-a
Em sonhos, a sorrir melancholicamente,
E beijo-a
Docemente...

Somnambulo que sou!
—Amá-la-hei?
—Nem sei!
E o dia, tristemente, já expirou...

No alem,
Formosa e nua,
A lua
Já vem
A despontar ...
— Que lindo, êste luar!

E os meus olhos estão mais rôxos de chorar,
E tenho as mãos febris erguidas para os ceus;
Rezo, com mais amor, ao meu Amor e, a soluçar,
Vou terminar, Manuel ... —Adeus ... adeus ... adeus ...

SÚPLICA

OH Senhora Mãe de Deus,
Vem ouvir a minha voz
Que, nesta vida de sombras,
É uma sombra de voz!

Virgem Mãe, Virgem Senhora,
Que a bençam do teu olhar
Doire a noite desta vida
Em que eu existo a chorar!

Ai, vida, noite cerrada!
Nem um sorriso de luar
Ilumina a treva algente...
E assim, de longe embalada
Pelos cânticos do mar,
Vai a minha alma perdida,
A chorar, saudosamente,
Pela noite desta vida...

Quando nasci, eu senti
Logo em minha alma, a chorar,
Aquela voz que subia
Das ondas verdes do mar...

Voz de mágoa e de elegia,
Voz anciosa que se erguia
Daquele Verde — tão verde! —
Que eu senti n'alma, tambem,
E onde a minha alma se perde
Numa ancia eterna de alem...

Oh mar, oh mar, meu irmão!
Foi a tua voz dolorosa
A voz magoada e primeira
Que veiu embalar, saudosa,
Na viuvez da minha infancia,
Meu berço de mágoas, triste!

Oh mar, oh mar!, a tua voz
A soluçar noite e dia!
(Maré cheia, maré cheia
De tristeza e de agonia!)
Sempre a chorar, como eu,
A soluçar noite e dia!

—E oh minha Mãe, ainda é noite!
No meu viver de imperfeito
Jamais a luz dealbou!
E tenho a noite no peito
E, nela, sempre a chorar,
E em vaga bruma envolvida,
Anda a tristeza do mar!

Senhora Mãe, quero a vida!
Virgem Mãe, quero luar!

Oh doce Virgem Maria,
Alba divina e lirial!
Oh Senhora Padroeira
Do Reino de Portugal!

Dá-me a luz da tua bençam
Na bençam dum teu olhar,
Para que eu passe na vida,
Cheio de vida, a cantar!

SINFONIA

Ao Antonio Pedro

A paizagem aquática e lunar!

—Alta noite ... Mar alto ...—

Sonham meus olhos, nómadas e tristes,
Na paizagem aquática e lunar!

— Oh mar!
Oh mar!
— E os meus olhos prescrutam, anciosos,
O mar...
— Olha!, rochedos, hirtos e musgosos,
A olhar o mar!

Galeras... Galeras...
Galeras del Rei!

Caravelas e naus, corvetas e galeras!...

Galeras... Galeras...
Galeras del Rei!

Oh marinheiros!
Poetas, meus irmãos!
Oh choros da neblina
Envolvendo, abençoando o roseiral!

Espumas luarentas
Da Praia Ocidental!
Oh castelo roqueiro e medievo
Da Praia Ocidental!

Caravelas de alem, rosas do mar...

Alta noite... Mar alto...

Aridez sucessiva da paizagem...
A paizagem aquática e lunar!

Sonham meus olhos, nómadas e tristes,
Na paizagem aquática e lunar...

SUBIR!

Subir! Subir! Subir! — Eis o ideal
Unico desta vida de imperfeito!
— Quero subir, Senhor! Tenho o direito
De subir até Vós a alma imortal,

Pois, nela, às vezes passa, triumphal,
A glória do meu sonho! E sou perfeito,
Sinto a graça de Deus dentro do peito,
A redimir a noite do meu mal!

E assim, em Deus a minha fé segura,
As tentadoras vozes da aventura
Chamam por mim... E eu vou ao seu chamar!

Subir! Subir! Subir! Hei de subir!
Que em minha alma, Senhor!, 'stou já a sentir
Uma sombra de génio perpassar!

SOMBRA

M CM XXIV

EU

Ao Manuel de Castro

EU não me lembro de mim,
Não me lembro de ninguem.
— Sou a lembrança de mim?
Sou a lembrança de alguem?
Sou uma sombra delida
Vivendo um sonho de vida?
Eu, afinal, o que sou?
Qual o caminho em que vou?
Meus passos onde vão dar?
Vou devagar? Vou depressa?
Vou depressa ou devagar?

—Nada, afinal, me interessa:
Eu sei apenas que sou
O nada inutil que sou;
E apenas tenho o poder
De poder continuar,
Sem poder compreender
E sem saber duvidar.

E a vida?
É somnambula esquecida?
É a morte transfigurada?
A vida, afinal, é a vida,
Ou a vida não é nada?
E tudo, tudo o que vejo,
Desde o mar ao ceu sem fim,
Serão formas do Desejo
Que vive dentro de mim?
Serão formas enganosas
—Sombra, e luz, e ceu, e mar?
Aparencias mentirosas?
Ilusões do meu olhar?

E eu, afinal, o que sou?
Qual o caminho em que vou?

Sou noite? Sou alvorada?
Vou ascender ou cahir?
— Eu, afinal, não sei nada,
Eu sei apenas sorrir...

Eu proprio me desconheço
E, nesta hora em que vou,
Desconhecendo, aborreço
O nada inutil que sou.

Já, num desvairo profundo,
A chorar, me procurei
Pelos caminhos do mundo!
Mas, sem poder encontrar,
Em mim, a minha verdade,
Nunca amei nem desejei
Perder-me em sonhos, e amar...
— Assim nasceu a saudade.

E assim eu vivo, a scismar,
Perdido em mágoas sem fim;
E vendo, nos ceus, brilhar
Os astros, fico a chorar,
Como saudoso de mim.

Tive, nos olhos, dois ceus
De luz divina e sagrada,
E fui a sombra animada
Da luz eterna de Deus!

Em sonho, fui luz de aurora
No esplendor da Eternidade!
Mas, hoje, a minha alma chora
No destêrro da saudade...

E eu, afinal, o que sou?
Qual o caminho em que vou?

Sou noite? Sou alvorada?
Vou ascender ou cahir?

Eu, afinal, não sei nada,
Eu sei apenas sorrir...

A MEU IRMÃO NUNO

A luz do teu olhar anoiteceu...

Quando as nuvens, extensas e esmaiadas,
Alagam todo o azul diaphano do ceu,
E ha sombras a ondular, nocturnas, desoladas,
A luz do teu olhar anoiteceu.

E a noite veiu, alem... O meu olhar aflicto
Viu a sombra saudosa e triste que se eleva,
Ás tardes, e lá vai, perdida no infinito...
E fiquei a chorar e sepultado em treva.

Errei, longe de mim, perdido de saudade,
Mas sonhando ainda ver, acêsa de carinho
E a noite iluminando, a etherea claridade
Do teu divino olhar, meu palido ceguinho!

Então meu pensamento vagabundo
Nos longes do infinito se perdeu...
E, nessa hora de luz, longe de mim, do mundo,
Eu vi o teu olhar a scintilar no ceu!

O teu olhar, meu bem, é milagrosa estrela
Que, em ceu de amor, fulgura...
Tem lagrimas de luz enternecida e bela
Que, às noites, vem beijar a minha noite escura...

E eu vejo o teu olhar divino scintilar
No ceu!... Mas sinto, em mim, a eterna e fria Dor
Que anoiteceu, no mundo, a luz do teu olhar
E acendeu mais, em mim, a luz do teu amor!

CONFISSÃO

Noite, vão para ti meus pensamentos...

ANTHERO DE QUENTAL.

NOITE... Vejo, na sombra, os astros a fulgir...—
Alma da luz, immersa em funda escuridão,
Oh noite, vem ouvir
A minha confissão!

Tu és a treva eterna e mysteriosa,
E eu sou a luz jamais amanhecida:
Sombra de horror, somnambula e saudosa
Da luz duma outra vida.

Pelas sombras do mundo me disperso,
Vejo em todas as sombras o meu ser,
E sinto, em cada grito, a dor dum universo,
E sinto, em minha dor, mil almas a sofrer!

Oh, triste confissão
De lagrimas e dor,
De gritos e de horror,
De humana contricção!

Oh sombra de alma, aurora anoitecida,
Acaso a tua luz, um dia, amanheceu?
E emquanto eu ando a errar, perdido pela vida,
Não serás, luz de amor, o sol dum novo ceu?

Eu quiz lutar, sofrer, sonhar a vida inteira!
E choro, sem viver, a mágoa de existir...
—És irmã da minha alma, oh pobre, êrma roseira
Que Deus soube crear, mas não deixou florir!

Sombra de amor, de sonho e desventura,
Oh noite, vem ouvir a minha confissão,
Que, para alem da vida eternamente escura,
— Sonho eterno de luz — ha gritos de ambição!

Quero viver, viver!
Oh fria luz do luar,
Rasga a treva nocturna do meu ser,
E deixa-me sonhar...

— Quero ser a canção dos astros e dos ceus,
E sentir, na minha alma, a luz de Deus!

E em sonhos de chimerica harmonia,
Ser a voz da humildade, a melodia
Das fontes a cantar...
Ser lagrima de luz em pétalas de flor,
Ser nuvem, a sonhar, perdida no sol-pôr,
Ao longe, sôbre o mar...

E sendo sombra, humana escuridão,
Quero ascender em frémitos de chama,
E ser vida de eterna redenção,
Ser a bençam de amor que o sol derrama!

Ser a névoa dum sonho, a errar, longe de tudo...
Ser a voz da oração, a ancia dum vôo...
—Mas eu quero viver, quero ser tudo,
Só não quero, Senhor!, ser o qué sou!

EXALTAÇÃO

NESTAS horas de apathica indolencia,
Cansado de viver, esqueço a vida;
Mas a minha alma vive, adormecida,
Uma vida divina de inconsciencia.

Revivo, então, as horas encantadas
E as lembranças que o tempo não dilui
Mas deixa, na memória, eternizadas;
E, de absorto num outro que já fui,

Nem posso ver as coisas mais vulgares,
No seu vulgar aspecto e nitidez:
Vejo a névoa pairando pelos ares,
Que tudo em névoa e bruma se desfez.

E, altas horas da noite, quando scismo,
Longe de mim, na minha solidão,
Vejo surgir, da sombra em que me abismo,
A tua graça ideal de Aparição.

Sombra humana que sou, sombra perdida,
E que, por fim, serei inutil pó disperso,
Vejo, no teu olhar, a luz anoitecida
Na sombra do meu berço!

Mas pressinto que é falso o teu fulgor,
Que em sonhos alvorece, e empalidece emfim...:
— Muito embora! — O meu sonho — o teu Amor —
Eternamente ha de viver em mim!

. . . . . .

Quem és, Visão de ha tanto aparecida
Na escura solidão, que é a minha sorte?
— És, num sonho de amor, a eterna luz da vida;
És a vida que vai, sonhando, para a morte.

E eis-me longe de mim — sombra de mágoa e crime —
Sagrado de esplendor!
És a bençam de Deus, que exalta e que redime,
Amor do meu Amor!

Rasgas a minha noite humana e dolorida,
E deificas a carne — um corpo de mulher,
E, para alem do sonho e para alem da vida,
És a chama que faz os mortos reviver!

SAUDADE MINHA

M CM XXVI

Amor que, antes de o ser, se fez saudade!

GUILHERME DE FARIA.

Ah, Saudade minha, luz divina!

FREY AGOSTINHO DA CRUZ.

SOMBRAS DE AMOR

SAUDADE

SENHOR!, eu não sou eu, sou a lembrança
Dum outro que não fui, mas sonhei ser,
Sombra de amor, phantasma de creança,
Sombra de mim, em mim a reviver.

Vejo, em sonho, a paizagem que me encanta;
A fonte vai cantando uma canção de amor...
—Vem ouvir... A canção que a fonte canta
Sobe ao ceu, como sobe o aroma duma flor!

Vai chorando de amor e desventura,
No silêncio da noite, a memorar
A luz de amor, a extática doçura
Que eu sonhei ver na luz do teu olhar...

— Oh meu amor, não venhas mais ouvir,
Ao meu exilio triste, aquela voz...
Longe de ti, ao luar, julgo sentir
A noite, toda amor, pairando sôbre nós.

Porque vens, para mim, às horas mortas,
Se a tua carne em flor subitamente
Desperta as almas nómadas, absortas,
E acende n'elas um desejo ardente?

Ao pé de ti, a fonte murmurosa
Vai cantando, a chorar, sonhos e amores,
A voz do vento é vaga e voluptuosa,
E a terra é toda em flor, rescende a flores!

Mas, não... Deixa sonhar a alma dorida!
Longe de ti, sem luz nem sentimento,
Deixa-a sonhar, dormir por toda a vida,
Num infinito e esteril sofrimento!

Não venhas mais, às horas de anciedade,
Prender-me à vida escura, em que morri:
São mais frias as noites, e a saudade
Mais dolorosa e viva, ao pé de ti!

Tudo, na vida, morre e tudo passa,
Tudo, afinal, numa ilusão consiste;
E assim, ante o esplendor da tua graça,
Sem já poder sonhar, sinto-me triste.

Oh divina Visão, indefenida
Nas mais intimas sombras do meu ser,
Sonho de eterno amor, de eterna vida,
Quem me diria, acaso, que és mulher?

Não é, nem pode ser mulher somente
Aquela que eu não soube desejar:
É a luz eternamente amanhecente
Que me deslumbra e que me faz sonhar!

Senhor!, eu não sou eu, sou a lembrança
Dum outro que não fui, mas sonhei ser,
Sombra de amor, phantasma de creança,
Sombra de mim, em mim a reviver...

DE NOITE

NÃO sonhes mais de amor...
Deixa os astros, na sombra, a scintilar,
Que, para nós, é vão o seu fulgor,
E deixa de sonhar.

Adormece, não queiras mais sonhar;
Fecha os olhos, amor... A vida é assim...
Deixa as sombras e os astros divagar,
E esquece-te de mim.

A vida não é um sonho de anciedade
Inutil de sofrer,
Que, para alem da vida, ha uma verdade
—E têmos de morrer!

Assim, debaixo da verdade eterna,
Para quê desejar sonhos, ideais?
Sepultados no fundo da caverna,
Esperêmos, sómente, a luz eterna
Das horas imortais!

Não desejes o sol que reverbera:
Olha, no poente, a fulva luz da aurora...

E fiquêmos, assim, meu pobre amor, à espera
Da morte redemptora.

CANÇÃO

Ao João da Camara

A noite é escura e deserta,
E o ceu nublado e sombrio...
E, pela noite deserta,
Tenho frio.

Já tive sonhos e amores!
Mas, nesta noite, indiferente
A sonhos, magoas e amores,
Tenho frio simplesmente.

Tenho frio, e já não quero
Nem sei sofrer, ou chorar;
Se é vão o meu desespêro,
Quero dormir e sonhar!

Oh noite imensa e tão escura,
Adormece a minha dor
Na infinita desventura
De mais um sonho de amor!

VIDA ESCURA

VIDA ESCURA

DESCEU a noite... E a vida, a alma suspensa
Dum sonho eterno, o amor, e a desventura,
Tudo guarda e confunde a noite escura,
Na solidão da sua treva imensa.

Ha um silêncio de morte na deserta
E fria escuridão... E eu sinto em mim
Uma vaga lembrança que desperta
Para chorar — que a noite não tem fim!

E essa escura lembrança é uma saudade,
Chorando o luto duma eterna ausencia,
Quando um grito de horror e de anciedade
Quebra o torpor da morta somnolencia!

—Acaso nem um astro noctiluz
No deserto sem fim? — E eis, num momento,
Todos os astros, num deslumbramento,
Por sôbre a noite derramando luz!

E a luz, sorrindo, pelos ceus ondeia,
E de esperanças floresce o meu amor...
E toda a noite humana se incendeia
Numa aurora divina de esplendor!

—Mas a noite voltou... E a alma suspensa
Do sonho eterno, o amor, e a desventura,
Tudo guarda e confunde a noite escura,
Na solidão da sua treva imensa.

E ha um silêncio de morte na deserta
E fria escuridão... E eu sinto em mim
Apenas a saudade que desperta
Para chorar — que a noite não tem fim!

BALADA DO FIM DO MUNDO

Ao Senhor
D. Domingos Telles da Gama

VEJO, no ceu todo em chama,
Um vulto que ninguem vê
E que, para a terra, exclama:
«Mortos e vivos, a pé!

Ides ouvir, num segundo,
Mil trombetas a ressoar,
Dizendo às gentes do mundo
Que o mundo vai acabar!»

E por sôbre o cemiterio
Da vil natureza humana,
No seu divino misterio,
Vai seguindo a caravana...

Olhai que espantosa scêna,
Dum efeito extraordinario!:
—Vai alta a lua, serêna,
Sôbre o monte do Calvario!

E, pra alem do espaço em fôgo,
Numa fúria cega e vã,
A serpe investe, mas logo
Jesus esmaga Satan.

E nesta hora de aleluia,
Todos gritam para os ceus:
«Oh sempre Virgem Maria,
Sômos os filhos de Deus!»

Mas, entre o clamor das gentes,
Ecôa, frio e mordaz,
Lá pelos ceus transcendentes,
O riso de Satanaz.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

DESOLAÇÃO

PORQUE choro, afinal, se a desventura
Foi bem menos cruel do que eu sonhei,
Se eu nasci pra viver em noite escura
E tanta luz, nas trevas, encontrei?

Tudo, na vida, é luz, tudo harmonia!
— Olha os astros, na noite, a scintilar... —
E eu, frio como a dor, a dor mais fria,
Longe de tudo, esqueço-me a chorar.

A harmonia infinita que ha na vida
É para mim duma tristeza imensa:
Sinto a minha alma sempre adormecida
Na mais profunda e calma indiferença.

E choro... — Mas, Senhor!, se a desventura
Foi um sonho, se é um sonho a dor e o mal,
No misterio sem fim da noite escura,
Porque choro, afinal?

Choro, sim!, na tristeza em que me abismo!
Pois, na vida, pra sempre abandonado
À mais fria indiferença e vão cinismo,
Nem, ao menos, me sinto desgraçado!

A UMA MULHER

A luz que, nos teus sonhos, alvorece
Doira tambem a noite do meu ser;
E eu sinto n'alma a sombra que anoitece
A tua alma estranha de mulher.

Morta, na vida, a esperança refloresce
No ceu... E a alma, cansada de sofrer,
Na solidão das noites, adormece,
Para sonhar, emfim — para viver!

E em teus olhos ha luz, deslumbramento
Infinito de amor, e a mais cristã
Resignação de todo o sofrimento...

E és, oh virgem, na vida impura e vã,
Pela graça imortal do sentimento
E pela desventura — minha irmã!

NÃO VALE A PÊNA...

VIVER sentindo n'alma o fôgo ardente
Da mais alta ambição, que nos condena
A luctar, a sonhar eternamente,
— Não vale a pêna...

Viver na febre intensa dos desejos
E sonhos da luxúria que envenena
As almas, ao calor de falsos beijos,
— Não vale a pêna...

Viver cantando, d'alma lêda e pura,
Versos ao som de pastoril avêna,
Longe da vida tão hostil e escura,
—Não vale a pêna...

Viver pra o meu Amor —Vida e Doçura!—
Doce mulher cheia de graça, plena
Do mais divino amor e formosura,
—Não vale a pêna...

Não vale a pêna... É vão todo o desejo.
—E para quê sonhar, nesta amargura,
Acêsa a luz da esperança, que eu não vejo,
E ter sonhos, chimeras a sorrir,
—Se, para alem da humana desventura,
Tenho o leito da eterna sepultura,
Para fechar os olhos e dormir?...

ORAÇÃO

VISÃO do eterno bem, sonho infinito
De eterna luz e extático fulgor,
Acende em mim a graça e resplendor
Do teu supremo ideal de amor bemdito.

Se, na humana expiação, blasfêmo e grito,
Perdôa e dá-me a fé no teu alvor,
Porque, só de sonhá-lo, nêste horror,
Sinto ascender a Deus meu ser aflito.

E quando a vida escura e dolorosa
Passar, desfeita em névoas de ilusão,
Ante o frio da Morte misteriosa,

—Oh piedosa e sagrada Aparição!—
Doira a minha alma com a luz radiosa
Do teu olhar de bençam e perdão!

SAUDADE MINHA

Saudade minha...
Saudade — esperança em flor!
Saudade minha, e só minha,
Por ser de ti, meu Amor!

CANÇÃO

OH meu sonho lêdo e puro
Que, na cruel incerteza
Dêste pensamento escuro
De tão funda e vil tristeza,
Acordas sempre a harmonia
Da vida — esperança de amor,
Como a luz dum nôvo dia,
Sôbre a terra toda em flor!

Em sonhos vãos, e em saudades,
Tenho a minha alma perdida;

E entre sonhos, anciedades,
E o pó de humanas vaidades,
Vai alta a noite da vida!

Mas, nesta tristeza imensa,
Não ha só dor e amargura,
Nem ha só luto e descrença:
A alma, extática e suspensa,
Sonha a tua formosura!

Sonha de amor... E a harmonia
Desperta, a luz reverbera...
E, na minha alma sombria,
Sonham alta primavera
Sombras mortas de agonia!

—Oh meu sonho lêdo e puro,
Sonho de amor...—Na distancia,
Eu vejo, imersa no escuro,
Uma visão de alma infancia,

Que é mais alta do que a prece
Que ascende à divina altura,
E que em sonhos me aparece,
Num sorriso de ternura...

Visão, que eu sempre bemdigo,
E por quem vivo a sonhar,
És a luz do sonho antigo,
E eu sonho sempre comtigo,
Mas não me podes amar!

No sonho que me domina,
És como o sol a esplender:
Saudade, amor, luz divina,
Por quem eu quero morrer!

A UMA FONTE

(Para a Senhora
D. Emilia Telles da Gama de Castro).

ALMA triste e duvidosa
Que vens errando, perdida,
Pelos caminhos do mundo,
Vai despertando, saudosa,
Lembranças duma outra vida,
Do somno eterno e profundo.

Ai de ti! Presente e ausente,
E sem jamais acordar,
Vens errando eternamente,
Qual onda inquieta no mar.

Dormindo o somno da vida,
Andei no mundo, à aventura,
Perdido na selva escura;
Mas a minha alma ferida
De orgulho e vaidade vã,
Viu a luz amanhecida,
Nesta humildade cristã...

Longe, bem longe de mim,
A turbação da cidade,
Mais o tumulto sem fim
Duma falsa humanidade
Que, entre nuvens de impureza
De enganosa sedução,
Vive na eterna tristeza
Da humana e vil condição!

E ouvindo a fonte chorar
A mágoa de todos nós,
Eu sonho ouvir murmurar,
Na voz da agua, a minha voz!

Sonhei a tua alegria,
Voz de eterna primavera!
Sonhei-me longe do mundo,
Da vida pra que morrera!

Mas ouvindo a tua voz,
No seu cantar desolado,
Oiço a voz de todos nós...
E sou bem mais desgraçado!

Ouvindo a fonte cantar
Adormece o meu desejo...:
Vou, extático, a sonhar,
Pra longe... Mas — sempre — vejo,
Na paizagem tenebrosa,
Phantasmas do sonho antigo,
Num desvairado tropel...

— Oh fonte clara e saudosa,
Quizera chorar comtigo,
Longe do mundo cruel...

Quizera chorar, matando
As sêdes aos pobresinhos,
E correr, cantar, sonhando,
Atravez de ermos caminhos...

Quizera sonhar, correndo...
E, no meu lêdo sonhar,
Ver as rosas florescendo,
E os prados reverdecendo,
E eu sempre, sempre a cantar!

Quizera córrer, sonhando,
Os vãos caminhos do mundo,
E, pura sempre, cantando
Cantos de encanto profundo,
Subir a Deus, feita em névoa,
Para em lagrimas descer,
E chorar, sonhar, na terra,
Para, de novo, ascender!

CANTIGA

Ninguem descubra o seu peito
Por maior que seja a dor:
Quem o seu peito descobre
É a si mesmo traidor.

(POPULAR)

VOLTAS

MUITO embora a vossa vida
Seja de risos e calma,
Pra que não seja perdida
Ninguem descubra a sua alma.

Muito embora a dor vos fira,
E o sonho tombe, desfeito,
Neste mundo de mentira,
Ninguem descubra o seu peito.

Almas, no mundo, captivas,
Vivendo em sonho e saudade,
Sereis em Deus, redivivas
Em divina claridade!
Mas, emquanto a vida passa,
Sofrei, vivei só de amor
E perdão para a desgraça,
Por maior que seja a dor!

E vivendo assim, expiando
O mal, sonhai sempre o bem,
Longe da vida, sonhando,
E amando a vida, tambem.

—A graça do sentimento
Quantas miserias encobre!—
Só passa a vida em tormento
Quem o seu peito descobre.

Oh meus irmãos! Nesta vida,
Quer seja em risos e calma,
Ou seja em mágoas perdida,
Ninguem descubra a sua alma!
Quem descobre o mais profundo
Da alma, o seu bem, seu amor,
Aos olhos tôrvos do mundo,
É a si mesmo traidor.

ETERNIDADE

VEJO, num sonho sem fim,
—Sonho de amor e saudade—
Já suspenso sôbre mim
O esplendor da eternidade.

Vejo a luz radiosa, etherea,
A luz divina pairando
Por sôbre um ser miserando
Que é toda a humana miseria.

E, no sonho que ora vivo,
Passam astros a brilhar;
E, num sorriso furtivo,
Vejo a luz do teu olhar.

Oh meu Amor!, oh Saudade!
Sou luz esparsa nos ceus...
—E, sôbre a tua humildade,
Descem as bençãos de Deus...—

Aqui, nos altos espaços,
Não ha lembranças, nem dores,
Nem decepções ou cansaços...
—Ha só sorrisos e flores!

Mas, ai de mim, não te esqueço!
E, quando surge o luar,
Fecho os olhos, adormeço,
Para comtigo sonhar...

NOCTURNO

A noite vai tão escura!
Nem um vago luar a doura
Duma esperança de aurora!
Nem uma estrêla fulgura
Na sombra eterna do ceu...
Só um silencio profundo
A vida toda envolveu.

E envolvendo todo o mundo,
Sob a extática dormencia
Do ceu, só a noite existe,

E, nela, a minha alma triste,
A chorar a tua ausencia...

— Oh minha doce Tristeza!,
Oh meu Amor!, oh Saudade!
Sonho de humana beleza
E de eterna claridade!
Oh luz de amor, sempre acêsa,
Fulgindo na escuridade
Dêste viver de anciedade...
Oh minha doce Tristeza!,
Oh meu Amor!, oh Saudade!

Por ti, num sonho divino,
De todo o mal resgatado,
Louvo a graça do Destino
Que me fez tão desgraçado!

E é por ti que a noite imensa
Fica, saudosa e suspensa,
Nos êrmos, a interrogar-se...

E é por ti que eu sinto, em tudo,
O suspiro longo e mudo
Duma saudade a esfolhar-se
Ou d'alma que se comôva
Com a amorosa tristeza
Que ha nuns soluços de trova
De saudade portugueza...

E, de saudoso, suponho
Ver, na noite, perpassando
Sombras vagas, evocando
Aladas formas de sonho...

E penso que a escuridade
Guarda o meu sonho desfeito
Que vive só da saudade,
E abraça, inunda o meu peito
E é toda a minha anciedade!

. . . . . .

Mas, do letargo profundo,
A vida toda desperta,
E já sorri, para o mundo,
Nova manhã encoberta!

No frio silencio, escuto
O rumor vago dos ventos,
E vejo clarões sangrentos
Rasgando os veus do meu luto.

Nos altos ceus, as estrêlas,
Saudosas do teu olhar,
Desmaiam, loiras e belas...

— Ah, quem me dera sonhar,
Sonhar com elas, e vê-las,
Talvez por mim, a chorar!

ELEGIA

EMQUANTO a vida perpassa
Pela tua indiferença,
Em risos de sol que passa
E se morre em névoa densa,
Tu nem reparas, de ausente
E em vagos sonhos perdida,
Nos encantos que ela tem...
E a sonhar eternamente,
Não tens esperança na vida,
Nem saudades de ninguem.

Como é lêda e linda a sorte
Que o Senhor te concedeu,
Oh alma eleita, e tão forte
Que sombra alguma venceu!
—Tu não pressentes a morte,
Em misterios envolvida,
Nem a infinita desgraça
De quem, um dia, nasceu...;
E, como vives em graça,
Não tens saudades da vida,
Nem tens saudades do Ceu!

Divagas, alta, divina,
Num vago reino suspenso
Da graça que te ilumina...

Mas, ai, a sorte mofina
Faz-me viver dêste engano
Deshumano
Dum amor que em vão desejo!

(E é nesse reino suspenso
Da graça que te ilumina
Que o seu fulgor entrevejo...)

E assim, oh virgem divina!,
És tudo o que eu sonho e penso,
És tudo o que eu sinto e vejo!

E, na minha desventura,
Não amo, nem já sei ver
Tua humana formosura,
Mas só a luz alta e pura
Da tua graça, a esplender!

—Ah, Senhor!, que esta alma, absorta
Neste vão sonho cruel,
Para sempre se consuma,
E seja pó, cinza morta,
Ou nuvem que o vento impele
E o ceu, às tardes, esfuma!

Que eu vivi... Trouxe, perdida,
Pelo mundo, a alma dorida...
Mas, um dia, emfim desperta,
A alma ascendeu, redimida,
Para longe desta vida
Tão cansada e tão incerta.

E assim eu vivo de amar-te,
E é tudo um deslumbramento!
Sonho ver, em toda a parte,
A luz duns olhos imersos
Em saudade e sentimento
Que são a alma dos meus versos...

Olhos de amor, rasos de água
E de amorosa tristura
Pela minha desventura,
A vossa infinita mágoa
É toda a minha ternura!
. . . . . .

E assim eu vivo, e me iludo!

—Mas que me importam as pênas
De amor, que me tornam louco,
—Se a vida é tudo, e só tudo,
O que, nas horas serênas,
Nos parece ser tão pouco...

DESTINO

O meu amor não se cansa
De amar-vos, em sonho e em dor:
Perdida toda a esperança
Na vida, eu sinto-o maior,
Na fria desesperança
Que vós me dais, meu Amor.

E aos meus olhos, assim tristes,
Vós nem os quereis olhar...

E à paixão, tão alta e pura,
Que só nos meus olhos vistes,
Nem sequer lhe sabeis dar
Uma ilusão de ventura!

—Ah, Senhora!, se, na vida,
Fico, às vezes, a cuidar,
Até desejo esquecer-vos...
Mas a pobre alma, vencida,
Adormece, e, em seu sonhar,
É feliz — pois sonha ver-vos!

— Assim eu vivo por vós,
E o meu amor não se cansa,
E a cantar-vos, minha voz
Diz a Deus minha esperança!

Depois, à tarde, nos ceus,
Surgem estrêlas, sorrindo,
E eu adormeço, sentindo
Em mim a graça de Deus.

Nos céus de eterna harmonia,
Sorriem doces promessas
Ao meu viver de agonia!

—Alma, jamais esmoreças,
Esquece as mágoas e a dor,
E, no fim da humana sorte,
Rasga o misterio da Morte,
Sempre a amar o meu Amor!

REDEMPÇÃO

REDEMPÇÃO

ALMA exilada, e tão cansada e triste,
Num mundo onde ninguem te comprehende,
Vai sonhando de amor e, emfim, ascende
À luz ideal que, em sonhos, entreviste.

Sonha!, vive do amor que pressentiste
Sorrindo à imperfeição de que descende
A dor do meu viver e, em mim, acende
A fé no eterno bem que em Deus existe!

—Porque essa luz divina que entrevejo
No ceu que, para alem desta amargura,
Eu pressinto, e que surge ao meu desejo

Como a benção de Deus—no seu esplendor
Que é um sorriso de encanto e de ternura,
Só pode ser, Amor, o teu amor!

DESTINO

M CM XXVII

Sempre será meu amor
Como a sombra, emquanto eu fôr:
Quanto vai sendo mais tarde,
Tanto vai sendo maior.

CRISFAL.

MENINA E MOÇA

CANTICO

NÃO entendeis meu amor,
E só por vós, vida minha,
Não vai minha alma sòsinha
Pelo mundo, em sua dor.

Ah, se a verdade esplendesse
Nestas palavras que digo!
Que dirieis se eu dissesse
Que a vossa alma está comigo,
Em luz de sonho e de prece,

Ou, na minha dor, aflicta,
Chorando saudosamente,
Mas sempre resplandecente
Desta esperança infinita
De amar-vos eternamente?

E, Senhora, mal sabeis,
Quando olhais minha tristeza
Com vossos olhos crueis
De estranheza,
Quanta ventura não tenho
Só de vos poder olhar!
E, assim, quedo-me a scismar:
— Não vos pode ser estranho
Quem nasceu por vos amar! —

Pois se ainda vejo, a distancia,
A branda luz de chimera
Que doirou a minha infancia
Num sonho de primavera,

E se em vós ela resplende
Tão formosa
Como a não pude sonhar,
Á minha alma saùdosa,
Senhora, quem n'a defende
Da sorte de vos amar?

—Foi bem claro o meu destino:
Só por encanto divino,
Êste amor em mim nasceu,
Na hora lêda em que vos vi...
—Que eu já nem sei que senti!
Sei que deixei de ser meu,
E tudo o mais esqueci!

Esqueci da humana sorte
As tentações, e da morte
Dissipou-se o vão temor,
Ante vossa claridade!
E tenho, por vosso amor,
A certeza da Verdade.

—Assim, se acaso volveis
Ao sonho do meu amor,
Os vossos olhos crueis
De estranheza e desamor,
Quanta ventura não tenho
Só de vos poder olhar!
E, então, quedo-me a scismar:
—Não vos pode ser estranho
Quem nasceu por vos amar!—

Ah, bemdita seja a sorte
Que me déu
O Senhor Deus justo e forte!
Pois por vós, por vosso amor,
Não vai minha alma sòsinha
Pelo mundo, em sua dor...
E é por vós, Saudade minha
E meu Sonho alto e divino,
Que eu vejo, acêsa nos ceus,
A graça do meu Destino:
É por vós que eu creio em Deus!

CANÇÃO DAS LEMBRANÇAS DE AMOR

LEMBRANÇAS que me doirais
A noite do pensamento,
Vinde, à luz do sentimento,
Para que eu sonhe ainda mais...

Á doce luz merencoria
Desta saudade, encantadas,
Vinde, oh sombras bem-amadas,
Do destêrro da memoria.

Vinde, lembranças, sorrindo,
Ou, saudosas, suspirando,
E embalai o sonho lindo
Que o meu amor vai sonhando.

E para longe da vida,
E a cantar o meu Amor,
Levai minha alma, perdida
No seu exilio de dor.

Longe dos males do mundo,
Deixai a pobre sonhar,
No seu misterio profundo,
O sonho que eu vivo a amar:

O sonho extranho que tem,
Para alem da morte, acêsa
Em luz de imortal beleza,
A graça do eterno Bem!

Ai, lembranças encantadas
Na minha alma, em dor e amor,
De vós, lembranças amadas,
Nasce a esperança sempre em flor!

Oh saudosas da luz pura
Do meu Amor que não passa,
Deixai-me na vossa graça
Que é toda a minha ventura!

Lembranças que me doirais
A noite do pensamento,
Vinde, à luz do sentimento,
Para que eu sonhe ainda mais...

CANTIGA DE SAUDADE

HA tanto já que a não vejo!
É morta em mim a luz pura
Da esperança, e meu desejo
Morre tambem, de amargura...

Assim eu scismo, noite alta;
E vagueio e sonho, ao luar...
E em sonhos se perde e exalta
Minha alma, só de a lembrar!

Voz das guitarras chorosas
Da Mouraria e de Alfama,
Dizei-me, vozes saudosas,
Se o meu Amor me não ama?

E, no silencio profundo,
Sobem ao ceu minhas trovas
E a tudo eu falo, na dor
Desta ausencia, à noite, ao mundo,
Aos astros e seu esplendor:
—Dizei-me se sabeis novas,
Ai novas do meu Amor?

CARTA PERDIDA

LONGE, e talvez esquecida
De mim, que tanto te quero,
Engano o meu desespêro
Só de lembrar-te, Querida.

E vivo no lêdo encanto
Dêste sonho que não finda,
E se por ti choro, Linda,
É de alegria o meu pranto.

A alma desta saudade
Não é só mágoa e lembrança
Mas doce e pura esperança,
Sempre em viva claridade.

E se já não ha tormento,
Por mais brando ou por mais forte,
Que eu não tenha, em minha sorte,
Tenho em ti o esquecimento:

Pois esqueço a minha dor
Só de ver-te, ou de lembrar-te;
E que ventura, a de amar-te
Com amor sempre maior!

Que luz de encanto e ternura
Tudo envolve, e beija, e doira,
Se te vejo, linda e loira,
Cheia de alma e formosura!

E, se te sonho, parece
Que tudo, num sonho, espera
A graça da primavera
Que em ti sempre resplandece!

Ah, meu Amor, meu Amor,
Só de ver-te e de lembrar-te,
Tenho a ventura de amar-te
Com amor sempre maior!

E, por teu encanto, ausente
Dos males da humana sorte,
Alem da vida e da morte,
Hei-de amar-te eternamente!

CANTIGA

Olhos que me olhais a mim,
Que me estais enlouquecendo
De amor por vós, em vos vendo . . .

VOLTAS

NOS longes tempos em que era
Ainda moço e menino,
Tive um sonho peregrino;
E, na graça de chimera

Dêsse sonho que eu creara,
Corria-me a infancia assim
Lêda como vós, e clara,
Olhos que me olhais a mim.

Era-me a vida suave
E tão formosa a sonhava
Que, nem por sombras, cuidava
Que em seu bem fôsse mudave;
E via em tudo a luz pura
Que eu sonhava e que era assim
Como a luz que em vós fulgura,
Olhos que me olhais a mim.

Mas, depois... depois—nem sei!
Com o tempo os sonhos voaram
E sòsinho me deixaram!
Quando, sòsinho, acordei,

Só, de longe, na lembrança,
Uma luz brilhava assim
Como em vós, de pura esperança,
Olhos que me olhais a mim.

Só quando vi, com espanto,
Nos vossos olhos, Senhora,
A luz do sonho de outrora,
Que eu amara tanto e tanto,
Entendi o meu amor
Que por vós era sem fim,
E é maior, sempre maior,
Pois que me olhastes a mim.

OLHOS CEGOS

SENHORA da formosura
E sonho do meu Desejo,
Não entendo esta amargura
Que sinto quando te vejo.

Não, Senhora, não entendo
Êste mal que em mim existe;
E em te vendo,
Meu Amor, sinto-me triste.

Ver-te é sempre o meu desejo;
E, ai de mim, tendo a ventura
De te ver, eu não te vejo,
Senhora da formosura!

Nem que me fôssem estranhos
Os olhos que eu amo tanto,
Os teus olhos, meu encanto,
Portuguezes e castanhos...

E é só vêrem, encantados,
A graça do meu Amor,
Que os meus olhos, deslumbrados,
Ficam cegos de esplendor!

Olhos cegos...
Já nem te podem olhar,
Senhora da formosura!

Mas ainda sabem chorar,
Saùdosos da luz pura
Que os encantou
E cegou,
Na graça dum teu olhar,
Senhora da formosura!

CANÇÃO

QUANDO, saudosamente,
Em mim acordam as lembranças vagas
Dum bem ausente,
E desperta do escuro pensamento
Em que existem só duvidas e mágoas
A divina esperança dêste amor,
Fecho os meus olhos, num deslumbramento,
E esta alma minha,
Longe do horror
Da humana sorte misera e mesquinha,
Vai, perdida num sonho lêdo e brando,
Oh meu Amor, o teù amor sonhando...

E abrem-se os ceus em luz; e a alta harmonia
Que nos ceus resplandece,
Ás nossas almas desce,
E as almas nos encanta...
E eis amanhece, em nós, um claro dia
Cheio de luz e formosura tanta
Que, em seu esplendor,
Eu só te vejo e te desejo, Amor.

E tenho o teu amor que prende e abraça,
Por todo o sempre, esta alma... E a doce e pura
E milagrosa luz que me trespassa,
Dá-me a ilusão suprema da ventura!

—Ah, Senhor, quem pudera
Viver sempre na graça
Dêste sonho de eterna primavera,
Dêste amor que, na vida humana e triste,
É a saudade do amor que em vós existe!

Assim, alma saudosa, vai sonhando,
Vai morrendo a sonhar, que esta saudade
É a luz do ceu que as almas vai guiando,
Por milagre de amor, à Eternidade!

ULTIMA GRAÇA

UMA ultima vez, quizera ainda,
Antes da morte, ver o meu Amor,
Para levar, acêsa n'alma, a infinda
E vaga esperança dêste sonho em flor.

Se o meu destino foi a lêda sorte
De a amar, sonhando, de a cantar, assim,
Que ela venha doirar a escura morte
Da luz de encanto que acendeu em mim.

E oh pura graça da minha alma triste,
Oh sempre amada e linda, se eu morrer
Longe, lembra a paixão que sempre viste,
Por ti, nêstes meus olhos, a esplender.

E vai, lembrança enternecida e bela,
Vai e procura pelo ceu ideal
O lume brando duma nova estrêla
Alvorescendo sôbre Portugal...

CARTA A UMA ESTRANGEIRA

CARTA A UMA ESTRANGEIRA

Eu sou estrangeiro!

CAMILLO PESSANHA.

SENHORA, das palavras que dissestes,
Junto do mar, ha pouco,
Tal espanto senti que ainda sou louco
De lembrar a surpreza que me destes.

Não esperava, não, ouvir-vos, grave,
Falar-me da alma vossa
Que de esperanças novas se alvoroça,
E quere a vida um sonho lindo e suave.

E, na verdade, o meu espanto foi
Tal que eu não soube responder-vos logo
E ainda agora, inquieto, me interrogo:
— Como hei de responder? — Ninguem supõe!

Olhai, Senhora minha: eu não consigo
Entender-vos sequer, tal como sois;
Tenho por vós um sentimento amigo,
Mas sinto um infinito entre nós dois.

Quando, hontem, vos falei, a vez primeira,
Senti logo uma doce simpatia
Por vós, tão natural, que Deus a queira
Maior, sempre maior, de hontem em dia.

E, depois, a minha alma, enternecida
De vos ouvir, casando-a, carinhosa,
Em palavras de amor, por toda a vida,
Á vossa, que é de Artista, alta e formosa!

Mas não, Senhora minha! — Agradecido,
Beijo-vos longamente as mãos reais,
E só vos peço, triste e comovido,
— Que me esqueçais!

Pois não entendereis esta alma inquieta,
Que eu, por graça de Deus, sou Portuguez:
Vendo êste ceu, senti-me logo poeta
E, toda a vida, amei uma só vez.

Amei a flor mais nobre desta Raça
— Menina e Moça, um dia, aparecida,
Por milagre de Deus, cheia de graça,
A abençoar de amor a minha vida.

E assim eu vivo a amá-la; e é clara e linda
A minha vida, à luz do seu amor;
E amando-a sempre, amá-la mais ainda
É o meu ideal de perfeição maior.

—E só de vós falar no brando enlêvo
Do meu sonho de amor, eu já nem sei
O que sinto, o que penso e vos escrêvo
Nesta carta que, triste, comecei.

Emfim, como outro Poeta o disse, outrora,
E a voz do sangue hoje m'o diz, assim
Eu vos direi, Senhora:
—«Sou estrangeiro!»—Não penseis em mim.

SAUDADES DE PORTUGAL

Terra que foi de cristãos
Moiros no-la tem roubada.

GIL VICENTE

SAUDADES DE PORTUGAL

NA minha alma dolorosa
Um dia, acordou, plangente,
A alma distante e saudosa
Dêste Reino do Ocidente.

E assim eu disse — troveiro
De outras eras —
As pênas do captiveiro
Á luz de antigas chimeras.

NESTA AUSTERA, APAGADA E VIL TRISTEZA...

NA cerrada treva
Desta hora amara,
Que voz doce e clara
Para Deus se eleva!

Oiçam, Portugueses,
Essa voz que plange
Sonhos e revezes,
E a alma me confrange.

Vai de cêrro em cêrro
E de fragua em fragua,
A chorar a mágoa
Dêste vil destêrro.

E em saudade pura
Ei-la que floresce,
Quando sobe em prece
Á divina altura.

Mortas primaveras
Que revive! —E chora...—
Graças e chimeras!
Sonhos bons d'outrora!

Mas, na sombra densa
Desta noite, solta
Queixas de descrença,
Gritos de revolta...

E a voz cresce e paira
Pelos ceus, na dor
Que as almas desvaira
De mêdos e horror!

De ouvir seu clamor
Doloroso e rudo,
Trêmo, ancioso, e a côr
Ao meu gesto mudo.

Mas a voz que, acêsa
De furor, delira,
Eis que sonha e reza
E, a sonhar, suspira...

E, piedosa e calma,
É canção e é chama,
Que, de Alem, derrama
Luz sobre a nossa alma...

E um mago perfume
Dêsse Alem rescende,
Quando em nós acende
Misterioso lume...

Lume d'alma graça!
Voz de maravilha!
Sonho que não passa
E em nós canta e brilha!

Vem dos Cancioneiros
Esta graça em flor
Na alma dos troveiros
De saudade e amor...

Voz saudosa e linda
Da canção de Ignez
Que, na Fonte, ainda
Chora: «Era uma vez...»

E alvas caravelas
Vão o mar abrindo,
Com as suas velas
Sempre refulgindo!

Baixa das estrelas,
A cantar nos ares,
A voz que nos mares
Amaina as procelas.

E é a voz do Encoberto,
Lá no exilio, a sós:
Voz que ao longe e ao perto
Fala a todos nós!

Oh Voz celebrando
Armas e Barões,
E, em dor, soluçando
Nas altas canções:
Voz de Deus, sagrando
A alma de Camões!

Voz que ao ceu subiste,
Num sonho imortal,
Da alma pura e triste
Do pastor Crisfal!

Voz de Bernardim
E Soror Mariana!
Oh, tristeza humana
A chorar, sem fim...

Frio desespêro,
E extase dos ceus:
Voz de Santo Anthero,
Voz de João de Deus!

Voz de lêdo encanto,
Voz de sonho ideal,
Voz desfeita em pranto,
Voz de Portugal!

Voz do Ceu, aonde
O esplendor divino
Que um signo mofino
Ha já tanto esconde?

—Ah, Canção, desperta
Do letargo fundo,
A graça encoberta
Que doirou o mundo!

E em escuridão,
Qual a Morte, fria,
Morra, sem perdão,
Gente estranha, impia.

Mas se as almas, feridas
Do mal que as infama,
Cahirem, vencidas,
Ás mãos da Moirama,

Desce a mim, sòsinha,
Que assim cantarei
Tua dor e a minha,
Por ti morrerei!

Só de ti captivo,
Graça Portugueza,
É por ti que eu vivo
Nesta vil tristeza.

Vivo só de amar-te!
E, na dor do exilio,
Sonha já beijar-te,
Com saudade e amor,
O luar de idilio
Do meu sonho em flor...

EXALTAÇÃO

TROVADOR do Quinto Império,
Entre falsos e mesquinhos
Portuguezes,
Vou, perdido no mysterio
Desta noite, por caminhos
De maldições e revezes...

E eis-me erguendo as mãos aos ceus,
Voz em grita: —«Aonde, aonde
A graça do meu destino?

É só morrer?!» — E eis, nos ceus,
O silencio em que se esconde
O segredo peregrino...

— Mas seja morrer! — Embora!
Que a Esperança, que eu só tive,
E a alta glória que sonhei,
Hão de, em mim, brilhar, nessa hora!
E êste amor, em Deus, revive...
— Ainda a sonhar, morrerei!

EXPIAÇÃO

AONDE vais, troveiro de olhar peregrino,
Cantando a elegia do nosso destino ?

A que longes Reinos — misteriosa Ausencia ! —
Vais dizer a nossa escura decadencia ?...

E em teu canto exaltas graças e chimeras
Dêsse claro dia que, ainda e sempre, esperas !...

Alva saùdosa, Manhã de Nevoeiro :
Sonho renascente de El Rei verdadeiro !

Cantas a esperança doce eternamente
Do antigo *Encoberto* — Lohengrin do Ocidente...

Mas ninguem te escuta! Nem ao teu espanto
Sabem entendê-lo!
— Esconde, pois, o pranto.

E emudece, cala a tua dor — creança! —
Para não dizêres a desesperança...

Ai, bem melhor fôra que outrora nascêras!
— Então cavaleiro, de heroismo vivêras.

E em graça morrêras, como El Rei, sorrindo
À Morte — que é o sonho mais puro e mais lindo...

E hoje, entre a Moirama, vives degredada,
Morres de tristeza,
Alma namorada,
Alma portugueza.

PORTUGUEZ DE HOJE

SENHOR! não é um pecado esta tristeza,
Pois, nela, uma saudade, erguida prece,
Em divina esperança refloresce
E o meu sonho ilumina de certeza.

—Ámanhã... Ámanhã!— E assim, acêsa
De eterna fé, minha alma resplandece!
E a dor que o pensamento me escurece
Sobe em saudade heroica e portugueza.

Exilado no tôrvo desvario
Desta hora fatal, espero a graça
De Deus, alem do ceu alto e sombrio.

E ao mal de todos nós, que me trespassa,
Eu, no meu desespêro, ainda sorrio...
Pois tenho o nobre orgulho da Desgraça!

EL-REI

OH Senhor Rei, Maravilha
Fatal da nossa Saudade,
Vem das brumas da tua ilha,
Por manhã de claridade!

Vem a nós, os Portuguezes,
Que, de ha tanto, te esperamos
E, entre mágoas e revezes,
Sempre e mais te desejamos.

Sol encoberto, nos ceus,
Alva de sonho, a sorrir,
Vem vencer, à fé de Deus,
O nosso Alcacer-Quibir!

Vem a nós, Rei peregrino,
Por vencer o escuro mal!
Senhor do nosso Destino,
Capitão de Portugal!

ENDEIXAS AO MAR PORTUGUEZ

I

SAUDADES marinhas,
Nas ondas do mar,
Perdidas, sósinhas,
Ha tanto a chorar!

Oh, desfeito pranto,
Marulhante chôro
Que as areias de ouro
Vem beijar, ha tanto...

Ai ondas marinhas
Gemendo e chorando,
Ás saudades minhas,
Que ides vós contando?

Que esta alma, que existe
Sempre em vão cuidar,
Fica leda e triste
De vos escutar...

Tal na Madrugada
Que cantou Camões,
Na alma condenada
Perpassam clarões!

E os meus olhos, de agua
Turvam-se, tambem:
Cristalina mágoa,
Lagrimas de Alem...

Ai ondas marinhas,
Ás saudades minhas
Que ides vós contando
Nessa voz plangente,
Longe, memorando
O meu bem ausente?...

II

E eis que a sombra desce,
E a minha alma abraça;
E, por sua graça,
Tudo passa e esquece.

Só a voz, perdida
A chorar, segreda
Lembranças da vida
Passada, e mais leda

Da verde planura,
E a vaga distancia,
A voz remurmura
Saudades da infancia.

—Ah, canção, não mais
As lembranças tristes
E os saudosos ais
Em que sempre insistes!

III

E eis que a noite desce
Sôbre Portugal
E, nas almas, cresce
Em tristeza ideal.

—Oh, sonhos distantes!
Oh, naus, caravelas,
Tão altas, tão belas!

E as velas ovantes
Vencendo as procelas!...

Mas, na furia ondeante
Das aguas salgadas,
Espectrais as frotas
Vêm desmanteladas...

E, espectral, o Infante
Queda-se carpindo
Revezes, derrotas
Dum sonho tão lindo!

—Oh graça encoberta,
Saudosa memoria,
Das ondas, desperta
Num canto de gloria!

IV

... Assim, com maga doçura,
Vem as areias beijar,
Esta voz que remurmura,
Lá da marinha planura,
Saudades d'alem do mar...

Oh saudades!... mortas flores
Da alva espuma, no areal...
—Saudades dos meus amores!
—Saudades de Portugal!

O FADO

EM Lisboa, certa vez
Que eu ouvi cantar o fado,
Se me senti desgraçado
Senti-me bem portuguez.

Que o fado é voz de anciedade
Perdida na escuridão:
É como a triste canção
Do Portugal da Saudade.

Ai, Saudade portugueza
Que te morres de amargura,
Na apagada e vil tristeza
Desta vida tão escura!

É de estranhos e mações
A patria de heroica fama
Que foi de Vasco da Gama,
Do Encoberto e de Camões!

Mas, à noite, muita vez,
Sobe ao ceu, e o mal espanta,
O fado que é portuguez
E as nossas almas encanta.

E a voz canta, em sua dor:
—Como não hei de querer bem
Á Terra do meu Amor,
Que viu nascer minha Mãe?

Canções do fado são flores,
São as flores do nosso mal...
E é todo um sonho de amores
O fado de Portugal!

Assim, à noite, escutando,
Entre guitarras plangendo,
A voz do fado subindo,
O Povo, triste e scismando,
Vai seu mal adormecendo,
Num sonho distante e lindo...

DESTINO PORTUGUEZ

NASCI em Portugal. E, peregrino
De caminhos de luz, vi no degrêdo
Mais vil, a minha patria que tão cêdo
Deixara de brilhar no ceu divino.

Assim, perdido errei, moço e menino;
Mas, entre sombras de remorso e mêdo,
Ouvi a voz dos astros, em segrêdo,
Embalando, a cantar, o meu destino.

E então, viram meus olhos, a sorrir,
Alem da noite, e a noite trespassando,
A esperança de Deus, a scintilar...

E eis a graça do ceu, que eu vim cumprir:
Amar, viver — mas a sonhar, cantando,
E, como El Rei, morrer — mas devagar!

CANÇÃO

DE noite, e em sonhos, escuto
Um canto vago e tão belo!
E eis brilham astros no luto
Do meu tôrvo pesadêlo.

—Vozes de Alem, oh saudosas
Que, em lêdo sonho, embalais
Estas horas tenebrosas,
E, em meu delirio, cantais!

Quem sois, oh vozes de encanto,
Da escura noite subindo
Aos astros que, em doce espanto,
Se quedam todos ouvindo?

E as vozes sobem mais alto,
E o misterio se desvenda;
E em pura gloria me exalto,
Ouvindo as vozes da Lenda!

—Ao longe, nos Cancioneiros,
A voz del-rei trovador...
Oiço cantar os troveiros
Cantares de gesta e de amor!

Canções de amor, peregrinas
Que sobem num côro ideal...
—Ai, vinde todas, Meninas,
Ouvir as vozes divinas,
Debaixo do laranjal...—

E oiço a voz de D. Diniz
Na bruma do seu pinhal;
Oiço avenas pastoris
De Bernardim e Crisfal...

E a branda voz, tão formosa,
Subindo em trovas, canções,
—Furia grande e sonorosa
Na Epopeia de Camões—;
Esta Canção que não finda,
Que foi prece, alta ventura,
Dor e pranto tanta vez,
Rasgando as sombras, ainda
Vem beijar, saudosa e pura,
O meu sonho portuguez!

E em tudo canta e rebrilha
A sua graça imortal...
—Que sonho de maravilha,
O Reino de Portugal!

CANÇÃO DE GESTA

SENHOR! Senhor! Em mim
Renasce a minha grey!
E eu sinto bem que assim
Ousado afrontarei
O mal a que hoje vim
E, com a Patria, expiei!

De mágoa e dó de mim,
Senhor!, não morrerei!
E aos *moiros*, outrosim,
Como os Avós, me irei

Para exaltar sem fim
A Vossa eterna Lei
E erguer a Vós, alfim,
A glória do meu Rei!

Senhor! Senhor! Em mim
Renasce a minha grey!
A graça em que nasci,
Com ela me creei,
E aos *moiros* vou-me, assim,
Com ela — e vencerei!

Senhor! Senhor! Em mim
Revive a minha grey!

NA MORTE D'EL REI D. MIGUEL II

MORREU El Rei de Portugal! E a Deus,
Ao Senhor Deus de Ourique e Aljubarrota,
E á Virgem que por nós vela nos ceus,

A alma da pura grey ergue uma prece
Em que a mágoa do exilio e da derrota
Em luz da Fé de outrora resplandece!

—Senhor! Senhor! Oh Virgem Padroeira!
Acolhei a grande Alma portugueza
D'El Rei de Portugal, na verdadeira

E eterna glória Vossa—pela qual
Êle viveu, sofrendo, com grandeza,
Toda a humana injustiça, todo o mal

Que já Seu Pai excelso perseguira:
—Seu Pai—Rei peregrino e cavaleiro
De Deus, na guerra santa á vil Mentira!—

E a nós, que ainda sofrêmos no degrêdo,
No secular e escuro cativeiro,
—Oh doce Virgem Mãe!—mostrai-nos, cêdo,

A luz do desejado Claro Dia,
Essa luz de milagre e maravilha
Que só nossa esperança ainda alumia!

E que o sol de clarissima pureza
Que, alem da antiga névoa, paira e brilha,
Doire a fronte gentil de Sua Alteza

O Principe mui alto e glorioso
Que é hoje nosso Rei!
—Real, real
Pelo Rei mais amado e valeroso,
Por Dom Duarte, Rei de Portugal!

O NOVO PRINCIPE

A Sua Magestade El Rei
O Senhor Dom Duarte II

PORTUGAL, livre de moiros,
Vai outra vez reviver!
E em sua glória, hão de os loiros
De Camões reverdecer!

Pois vem cumprir seu Destino
Já do Cantor celebrado,
O Capitão peregrino
—O nosso Rei Desejado.

Sois Vós o milagre certo
Da Vossa heroica ascendencia:
Em vós, Senhor!, o Encoberto
Quebra a cruz da sua ausencia!

E emfim vencida a Moirama,
A eterna luz da Saudade
Que de Alcacer se derrama,
Ilumina a imensidade!...

FINAL

A alma cheia de amargura
Em Deus tem sua esperança
Mais segura.

Assim, morta de anciedade,
Só de esperar se não cansa
A minha eterna Saudade!

ALMA TRISTE

CANTIGA

SAUDOSO de a ver,
Já não sei nem quero
Coisa alguma ver...

E em minha anciedade,
Eis o que ainda quero
Desta Saùdade:

—Uma vez ainda
Ver a Amada e Linda!

E ao vê-la, assim pura
Como a vi e amei,
Ver-me em seu olhar
Cheio da ternura
Que eu sempre sonhei!

E então, de amargura
Vendo-a emfim chorar,

—Morrer de ventura,
Morrer devagar... —

... Tal o «Era uma vez»
Que ora e sempre existe
E que é do meu triste
Fado portuguez.

NOITE ALTA

NO silencio fundo
Desta hora triste
Em que nada existe,
Para mim, no mundo,

Vai, doce lembrança
Dum saudoso amor,
E morre de dor
E desesperança.

Nenhum bem te quero,
Sombra de amargura,
E é a minha ventura
Êste desespêro.

Quero só viver
Longe da anciedade
Desta saùdade,
E tudo esqueeer.

E se nada espero,
Não oiças meus ais;
Nenhum bem te quero,
Ah, não voltes mais!

Vai, sombra perdida,
Pois que a minha sorte
Foi sonhar a vida
E acordar na morte.

DESOLAÇÃO

OH Morte escura, nesta anciedade,
Tão só no mundo, já sem o abrigo
Dum vago sonho, duma saudade,
Sonho comtigo.

Cheio de mágoas, apenas vejo
Mágoas e luto, por toda a parte...
—Ah, vem, oh Morte, que, assim, desejo
Talvez, amar-te.

Vem! — que o meu sonho de primavera,
O amor, a graça que o ceu me deu,
Em fria cinza de vã chimera,
Tudo morreu!

Ai, vida minha, luz dos meus olhos,
Não mais te quero sonhar, nem ver!
E vem, oh Morte, fechar-me os olhos,
Para esquecer.

ETERNIDADE

FOGO DO LAR

ALMA que vens tão cansada,
Cheia do pó dos caminhos,
E, de todos os espinhos
Da humana dor, lacerada,
Oh minha alma, oh minha amada,
Deixa de ouvir o lamento
Da voz do vento que chora,
Perdido, mundos em fora
Talvez o teu vão tormento...

Não oiças o vento; esquece
A noite da tua sorte
Que, de tão nêgra, parece
O pesadêlo de morte
Desta noite tumular;
E vem, oh pobre alma minha,
Vem, oh misera e mesquinha,
Para dormir e sonhar!

E vós, oh chamas erguidas
Na doce paz da lareira,
Ide envolvendo, abraçando
E beijando, enternecidas,
A pobre que vem chorando;
E deixai-a, a vida inteira,
Na vossa graça, sonhando...

Que, assim, a noite, lá fora
Já não existe... E a minha alma,
Cheia de luz, lêda e calma,
Nem ouve o vento que chora,

Perdido na sombra algente,
No silencio tumular...
—Ante a lareira esplendente,
Eu fico, absorto, a sonhar!

E é tudo um sonho! A lareira
Sonha tambem e fulgura
Nos altos ceus... Mas, por fim,
Desce e abraça a terra inteira,
E, em branda voz de ternura,
Saudosa, chama por mim...

E eu vou!—O fôgo, no idilio
De sonho da luz radiosa,
Doira o meu escuro exilio!
A lareira esplendorosa
Sorri ao meu louco espanto
E beija-me, doce, e fala
Da tristeza e lêdo encanto
Da Saudade—e, em seu esplendor,
É voz que canta e que embala
Todo o meu sonho de amor!

Nas suas chamas perpassa
Um fulgor de eterna graça
E de esperança divina,
Que só existe no olhar
D'Aquela Moça Menina
Por quem eu morro, a cantar!

Mas, a subir, loira e linda,
Nos ceus, a lareira acende
A alva de Deus, que não finda!
E, cheia de graça, esplende,
Com a doçura dum beijo,
No meu sonho alto e profundo,
Sonho de amor, em que a vejo
A iluminar todo o mundo!

Doirando todas as trevas,
Oh luz que tanto nos amas,
A Deus as almas elevas,

E, pela noite, derramas,
Em bençãos de puro amor
A graça do teu fulgor...

—Ah, cansados peregrinos
Que, nesta vida exilados,
Percorreis todos os fados,
No mysterio dos destinos!
Ah, meus irmãos, desgraçados,
Sombras de todos os mundos,
Loucos, poetas, assassinos,
E vós tambem, moribundos,
Vinde, depressa, acolher-vos
Ao fogo que ha de sagrar-vos
E, em sua luz, envolver-vos,
E, p'ra sempre, iluminar-vos!

Que o fogo do lar descerra,
Nesta infinita anciedade,
Á sombra imensa da terra,
Toda a luz da Eternidade!

Nas altas chamas erguida,
Já paira e fulge nos ceus,
A noite da nossa vida
Sempre ascendendo p'ra Deus!

E, por teu vivo esplendor,
É que em mim sinto, a cantar,
O teu eterno louvor,
Fogo bemdito do lar!

MANHÃ DE NEVOEIRO

M CM XXVII

HORAS

Êrros meus, má fortuna, amor ardente...

CAMÕES

EX-LIBRIS

NASCI em Portugal,
E, graças ao Senhor,
Nasci bem Portuguez;
Assim, d'alma leal,
N'um sonho sempre em flor,
Amei uma só vez.

É esta a minha glória
E a causa do meu mal...
Eis toda a minha história:
Nasci em Portugal!

POETA

SOMBRA humana, peregrina
Dêste mundanal degrêdo,
Sonho de amor, cego e lêdo,
E eis minha graça divina.

— Oh, esplendor de maravilha:
Em Deus, a eterna verdade,
E a alma desta saudade
Que em esperança rebrilha...

Sentimento cristalino
Que floresces em meu mal
E que erguêste o meu destino:
Trovador de Portugal!

Oh doce voz que me falas
E que embalas minha dor,
E, ao longe e ao perto, acarinhas
As minhas pênas sòsinhas:
Voz de amor do meu Amor...

Oh triste canção plangendo
O destêrro miserando
Desta Patria, e enternecendo
As sombras que vão escutando...

Oh voz errante das vagas,
Beijando areias e fragas,
Saudades de alem carpindo,

Memorando:—«Era uma vez...»—,
E em viva mágoa subindo
No meu sonho portuguez!

Oh sonho meu, que a amargura
Desvanece, a pouco e pouco:
Sonho da heroica aventura
Que me segreda o mar rouco...

Oh, cansado sofrimento
Que em meu desespêro mudo
Me escurece o pensamento,
E aos meus labios frios vem
N'um sorriso aberto a tudo,
De ternura e de desdem....

Oh Vida longe da vida,
Sem ambições, sem viver...
Mas n'esta saudade erguida
Aos ceus, e em Deus a esplender!

Oh meu estranho segrêdo!
—Pobre sombra peregrina
Deste mundanal degrêdo,
Sonho de amor cego e lêdo...
E eis minha graça divina!

... Assim, oh triste e mesquinha
Voz do mundo e da vaidade,
Ao encanto desta minha
Saùdade,
Porque o vens escurecer
De humana e tôrva anciedade
E só a dor acordar?
—Se despertar é morrer,
Quero morrer a sonhar!

CANÇÃO PERDIDA

—A que longes terras
Vos ireis, Senhora?
Deixais-me assim triste?
—Ficai triste embora.—

E assim que o dissera,
Logo se partira;
Á tristeza minha,
Longe, ainda sorrira...

E eu, em mágoa, tenho,
Desde então, vivido:
Entre os mais, estranho,
N'Ela o meu sentido!

Só a Deus, noite alta,
Êrgo o olhar de espanto
E a saudade minha
Que ora e sempre canto.

E a cantar, eu sonho,
Num deslumbramento,
Emfim acordá-lA
Do seu esquecimento!

E, cantando, embalo
A ilusão formosa:
Á Saudade falo
—Puro encantamento!—

E as palavras magas
Vão na aza do vento...

—Vai, canção perdida,
Canção triste e bela,
Que ainda tenho vida,
De esperar por Ela!

Vai, na aza do vento,
Canção suspirosa
Vai aonde Ela fôr,
E diz-lhe, saudosa,
Que eu morro de amor.

TRISTE CANÇÃO

TODAS as mágoas do mundo
Não valem esta que eu tenho
De me ver sempre sòsinho,
De me sentir sempre estranho.

Não entendo a vida minha,
E assim penso, oh minha Mãe,
No bem de não ter nascido,
Que ainda fôra um grande bem.

Amei e não fui amado...
—Oh, desolada memória
Da minha graça perdida:
Meu amor e minha glória!

Depois, ás sombras desta hora,
Eu quiz dizer a harmonia
De Deus, na noite, cantando...
Mas nem a noite me ouvia!

E a alma, heroica de nascença,
Que eu herdei da Raça antiga,
Morre-me desta indiferença,
De descrença e de fadiga...

Todas as mágoas do mundo
Não valem, não, a que eu tenho
De me ver sempre sósinho,
De me sentir sempre estranho.

TROVA

OH minha Mãe, não entendo
—Pois sempre fui como sou—
Esta saudade em que vivo,
Que sempre me namorou.

Na confusão da memória
As minhas horas passadas
Ainda me deixam mais triste...
Pois todas são desgraçadas!

Não, minha Mãe, não entendo
Esta canção peregrina
Que fala à minha desgraça
Duma ventura divina.

E embora eu não n'as entenda,
Vão-me a esperança embalando
Lembranças de não sei onde,
Saudades de não sei quando...

VELHA CANTIGA

SEMPRE em vão eu te buscara,
Sempre em vão eu te busquei,
Visão do bem que eu sonhara,
Sonho de amor que eu sonhei!

Com puro amor te creara,
Com puro amor te creei,
E em teu encanto eu cuidara,
Por teu encanto eu cuidei

Que em Beleza — viva, clara
Verdade — um dia, encontrara
Toda a graça que sonhei...

Mas só por mal o cuidara,
Pois sempre em vão eu busquei,
Pelo mundo, a graça clara
Que sonhei.

Jornadas longas andara,
Jornadas longas andei
E, delas, triste, voltara...
— Sempre mais triste voltei! —

Caminhos da Morte andara,
Eu, pela noite, os andei;
De estrelas alumiara
Esses caminhos que andei,
De estrelas que eu só creara,
— Por teu encanto as creei! —

Mas nem assim encontrara,
Nem assim eu encontrei
Do meu sonho a graça clara,
Toda a graça que sonhei!

E ora, assim, desesperara,
E ora, assim, desesperei
Da ventura que sonhei
E que busquei sempre em vão...

... E na eterna solidão
— Escuro e eterno tormento
Das almas belas e tristes —
Pergunto ao meu pensamento
Se tu, porventura, existes...

RIMANCE

LONGINQUA Princeza
Que eu vi, n'outra Edade
Em vida e beleza,
Como hoje em saudade;

Do somno da Morte
Senti-me acordar...
E, então, lêdo e forte,
Á noite da Morte

Voltei a cantar,
Pra vos acordar:

—Altiva Senhora
Duma alma que eu tive
Nos tempos de outrora;
E a amar-vos, revive!

Ouvide, que eu chamo
Por vós, sem temor:
Sou eu, que vos amo,
Sou eu, meu Amor...—

Mas é sina minha
Que eu morra a chamar:
—«Saùdade minha»—
Sem vos acordar.

CANTIGA DE AMIGO

—NÃO mais, peregrino
Troveiro—não mais
Teu canto de encanto!
E esquece o meu pranto,
Não oiças meus ais.

Não mais, peregrino
Troveiro—não mais!

Não mais o alvorôço,
E a mágoa, o quebranto
Que eu sinto, quando ouço
A voz do teu canto!

Que a voz do teu canto
Tão alto e profundo,
E o teu ar de espanto
—Não são dêste mundo!

E a ouvir-te, encantada,
Senhor!, quem sou eu
Que sinto, nesta alma,
Saudades do Ceu?

E a noite da Morte
De estrêlas se alumbra,
De eterno esplendor...

E eu morro, sonhando
Que a Morte deslumbra,
Eu morro de amor...

Mas, não! Peregrino
Troveiro—não mais
Teu canto de encanto!
E esquece o meu pranto,
Não oiças meus ais.

Que a voz do teu canto
Tão alto e profundo,
E o teu ar de espanto
—Não são dêste mundo!

FIM

ALMA, emfim descança
Na desesperança.

Alma, esquece e passa:
Dorme, emfim segura
Dessa ultima graça
Que é toda a ventura.

E à Saudade em flor
Que o teu sonho lindo
Perfumou de amor,
Diz-lhe adeus, sorrindo...

Que Ela ha de escutar-te,
Pálida, a entender-te!
E, no espanto enorme,
Sonhando envolver-te,
Triste, ha de embalar-te
—«Dorme... dorme... dorme...»—
Como a adormecer-te.

TRISTE HISTORIA

TRISTE HISTORIA

A longes terras levada,
Vai a mais doce menina,
Por sôbre as águas do mar...
E, na tarde que declina
Sôbre a praia desolada,
Fica um poeta a chorar.

Fica a chorar, como, outrora,
No livro de encantamento,
Outro Poeta chorou...

E Ela diz-lhe — Adeus!— e chora
A sua sorte, e o tormento
Que para sempre levou.

Levou consigo as saudades
Do sonho de maravilha
Que sonhara, por seu mal,
E que ainda em claridades
De amor, em seus olhos, brilha,
Ao partir de Portugal.

—Adeus! Adeus...— E a distancia,
Tudo se esfuma e se perde
Sôbre o mar imenso e verde...
— Oh vulto de alada infancia,
Oh linda e morta chimera,
Nas brumas, ainda a acenar!
Ah, pobre amor, quem me dera
Tambem contigo sonhar,
E ficar à tua espera,

No sonho de maravilha
Que os teus olhos encantou,
E ainda em teus olhos brilha,
Mas só tua alma embalou!

—E assim, na praia, chorando
De a ver partir e chorar,
E os vêrdes longes olhando,
Diz minha alma, em seu cuidar,
Ás suas pênas sósinhas
De esperança e desejo,
E ás brandas águas do Tejo:
—Levai-lhe saudades minhas!

CANTIGA DE AMIGO

Á fé de Deus me juraste
O teu amor... e mentiste!
E assim, quando me deixaste,
Nem só a mim me trahiste,
Tambem a Deus enganaste!

E agora, ao ver-te passar,
Eu já não posso iludir-me
E, triste, fico a scismar:
—«Ah, quem não sabe ser firme
Melhor fôra não amar!»—

ESPARSA

ESPARSA

Ao Manuel de Menezes e Vasconcellos

HOMENS incertos e vários
De vontade e pensamento,
Que em desejos tumultuários
Viveis e, alfim, alcançais,
Ora um mesquinho tormento,
Ora o nada que tentais;

E vós, tristes desherdados
Das graças da humana sorte,
Que vos sonhais—bem divino!—

Talvez eleitos da Morte,
Filhos do Ceu, bem amados
De Deus, que é o vosso destino;

Vós todos, irmãos, que sois
—Á luz de sonhos anciosos—
Puros, simples, venturosos,
Poetas, santos, herois,

Sabei a essencia e o fim
Dos sonhos:—ilusão pura...
Mas, com seu mal ou ventura,
Meus irmãos, vivei assim.

E sorride a toda a sorte
Que é tormento de anciedade,
Sempre vão, sempre mesquinho,
Pois—bem nossa, só a Morte,
E para a sua verdade
Qualquer caminho é caminho.

RIMANCE DAS AGUAS

RIMANCE DAS AGUAS

A chuva, lenta, cahia;
E lentamente a cahir,
Fria, fria,
Parecia já sentir
Saudades d'aonde cahia.

E a água clara e ribeirinha
Que vem de longe, correndo,
E para o rio caminha,
Parece que vem dizendo,

A suspirar:—«Tambem eu,
Tão cansada e pobresinha,
Tenho saudades do ceu!»—

E o rio, mais fundo e largo,
Que ainda corre, doce e brando,
Eis que fica, mal entrando
No mar, alteroso e amargo.

E o mar imenso, ondulando,
Marulhando longamente,
Na confusão das lembranças
Tambem, saudoso, se perde;
E diz, pela voz das ondas
Que vêm, de longe, rolando,
Areias mortas beijar:
—«Tenho saudades de quando
Não era mar.»—

MANHÃ DE NEVOEIRO

Aquela triste e lêda madrugada...

CAMÕES.

CANÇÃO

PASSAM, lá fóra,
As turbas loucas e condenadas
A correr mundos, vãs e cansadas...
E a alma que chora
Em si, por si,
Sempre sósinha,
A alma sorri
A um vago sonho de claridade:
Saudade minha,
Flor de anciedade!

—Que é triste a vida na dor desta hora!
E assim, ao frio desta indiferença,
Triste, sorrio, mas de descrença...

E eis-me scismando: «Nascêra outrora,
E ir-me-hia aos moiros,
Cheio de heroismo, vencer!—Oh, glória!...»

Mas vejo apeñas, com amargura,
A sina de hoje, bem merencória,
Bem mais escura:
Pobre cativo
Ás mãos dos moiros,
Só tenho os versos em que estou vivo
—Meus pobres loiros...

E assim, lá fóra,
Passam as turbas, na dor desta hora...

E a Ti, Senhor,
Exalto, em preces, a minha dor!

E eis que a minha alma, saudosa, ascende
Do cativeiro,
E, por milagre, nos ceus resplende!

—Oh, doce prémio:
Amor primeiro
E flor de génio
Que és toda a graça que me acarinha
E refloresce na Eternidade:
Saudade minha,
Minha Saudade!

CANTIGA

—ALEM! Mais alem! —
—Mas mais devagar...
Que a hora que vem
Já vem a passar.

E passam que passam
As horas da vida...
As que ainda não fôram
Já vêm, e já passam,

E, longe, se perdem
Na vaga memória...

E assim vão perdidas
As horas e as vidas
De glória e de horror;
E em sombras se morre,
Na fria lembrança,
A efémera graça
Da vida que passa,
No eterno esplendor.

E assim, para a Morte,
Inquieto, caminho...
Morrer—não me importa!
Mas devagarinho...
—Que é pêna, Senhor!,
Morrer consumido
De pêna, sómente
Por não ter vivido!

—E as horas que fôram,
E as horas que são,
Lá passam que passam...
—Passada ilusão!

...Mas sempre uma voz,
Anciosa, me fala:
—«Alem! Mais alem!»—
E esta ancia me exalta!

—Alem?... Mais alem?—
—Mas mais devagar,
Que a hora que vem
Já vem a passar.

LOUVOR

PÊNA de ser desamado
Não soube nem quiz dizê-la,
Porque não quiz aceitá-la...
E antes lancei meu cuidado
Numa ilusão doce e bela,
Na ilusão que ainda me embala!

Cuidados de merecer-vos
Foram, então, os que eu tive,
Que tanto vos exaltaram!

E, pelo bem de querer-vos,
Em que a esperança revive,
As mágoas me abandonaram.

E em vós, Amada e Senhora
Da mais clara formosura,
A minha pêna descança...
E eu vos louvo, a toda a hora,
Pois tornastes em doçura
A tortura da esperança!

A TUA VOZ

NÃO ha doçura maior
Do que a doçura que exala
Tua voz, quando me fala,
Meu Amor.

E eu só quizera, ao ouvi-la,
Que ela fôsse a minha fala,
Para, eterna, celebrá-la,
E a Deus, em preces, subi-la
Com esta alma que ela embala!

Pois a voz — soluço e prece —
Que aos altos ceus alevanto,
As almas não enternece
Nem move as sombras de espanto;
E, cansada, desfalece
Na exaltação do meu canto...

E assim, como hei de, Senhor!,
Na minha voz rude e fria,
Dizer a pura harmonia
Que ha na voz do meu Amor?

Oh, voz de amor e tristeza,
Só ela diz quando reza,
As minhas mágoas a Deus!

E, sempre que ela me fala,
Eu sinto que me acarinha
Com a doçura que exala

E que floresce nos ceus,
As pênas da vida minha...

—Ah, fôra eu cego, e não vira
Os teus encantos em flor,
E êste amor, em mim, sentira,
Só de ouvir-te, meu Amor!

Que eu esquêço tudo, tudo,
Só de ouvir-te a voz divina;
E penso, extatico e mudo,
—Assim a Virgem o queira!—
Que esta canção peregrina
Hei de ouvi-la a vida inteira...

Que ha de embalar minha sorte
Esta canção que não finda;
E, dôce, mais dôce ainda,
Adormecer-me na Morte...

E quando a hora soar,
Da alma, emfim redimida,
Ascender á eterna Vida,
Será tua voz saudosa
—Voz de graça milagrosa!—
A que virá despertar
A minha alma adormecida,
A sonhar.

LONGE DA VISTA

SAUDADES te mando,
Saudades de ti
Que me vêm matando
Dêsde que parti.

Só saudades tenho
Que me têm cativo,
Delas môrro e vivo,
Tudo o mais estranho.

Saudades te mando,
Saudades sem fim
Que me vêm matando
Dêsde que parti...

Saudades, saudades,
Saudades de ti!

O TEU NOME

NESTA saudade
Que me consome
Alma e sentidos
— Rezo o teu nome.

Não ha doçura,
Graça maior
Que a do teu nome,
Oh meu Amor!

Nem ha doçura
Que se compare
Com a do nome
Que ando a rezar...

Cheio da graça
Que Deus te deu,
—Nome divino,
Benção do Ceu!

Nome que é a rima
De maravilha
Desta Saudade
Minha, só minha!

... Assim, nas horas
De encanto e dor,
—Bemdito sempre,
Bemdito o nome
Do meu Amor!

CANTIGA

Quem ama, não teme a Morte
Quem teme, não sabe amar!

Do Povo.

SENHORA, por vosso encanto,
Por vossa graça e doçura,
Eu olho o mal, sem espanto,
E a vida, sem amargura.
E só de amar-vos — tão pura
E tão alta é a fé do amor! —
Não sei de mágoa ou temor
Que ensombrem a clara sorte
Que me deu Nosso Senhor:
— Nem a lembrança da Morte
E o seu mysterio sombrio! —

Que á Morte e ao mal eu sorrio,
Por vosso amor, lêdo e forte,
E o meu amor a cantar:
«Quem ama, não teme a Morte,
Quem teme, não sabe amar!»

CANTIGA

—SE ainda te lembro,
Senhora minha,
Do meu Amor?...

—Lembro-te ainda,
E, emquanto eu fôr,
Hei de lembrar-te
Com muito amor.

Só tú, à dor
Que me traspassa,
Sorris de amor,
Cheia de graça.

Na terra, a flor
Mais pura e bela;
No ceu, a estrêla
De mais fulgor,
—És todo o Amor,
Toda a Harmonia,
Oh claro dia,
De eterno alvor!

Senhora minha,
Do meu Amor,

Lembro-te ainda,
E, emquanto eu fôr,
Hei de lembrar-te
Com muito amor...

ULTIMA CANÇÃO

EU cantar, cantei...
Mas que bem que andara
Se jamais cantara!

Pois contar não sei
Toda a minha história
Não n'a contarei,
Nem tal me amofina:

Vã sei toda a glória...
E a que eu tenho é minha,
Nada tem que ver...
Pura gloria minha!,
Não n'a sei dizer.

Mas, por ela, a vida
Foi-me hostil e dura!

—Foi tanta a amargura
Que sofri, Senhor!,
Na passada vida
Toda consumida
Pelo seu amor,
Que eu ás almas tristes
Disse a minha dor.

E êste — o meu pecado.
— Certo, o expiarei. —

Dêle me arrependo :
Só por mal cantei...

Ai, que bem que andara
Se jamais cantara!

DESENCANTO

M CM XXIX

DESENCANTO

Não foi culpa minha,
Foi minha ventura,
Esperar brandura
De quem a não tinha.

FREY AGOSTINHO DA CRUZ.

CANÇÃO

A esperança
Não esmorece nem cansa,
Quando a saudade a ilumina;
Assim, a vossa esquivança
Nem de longe me amofina.

E a saudade
Da vossa graça e de mim,
Só nos altos da Verdade
Terá fim.

Sereis, então, a luz pura
Que a saudade me anuncia:
Senhora da formosura,
Sereis vós toda a Harmonia!

—E a esperança
Nem de longe se amofina
Ante o riso de esquivança
Que o gesto vos ilumina...

Não cuideis triste e mesquinha
A graça que eu hei de ter:
Pois não sois vossa, sois minha,
E sempre minha heis de ser!

E em não querer escutar-me,
Não penseis amofinar-me:
Pois, nos altos da Verdade,
Heis de ouvir-me.

E, por toda a eternidade,
Meu Amor!, heis de sorrir-me...

TRISTISSIMA CANÇÃO

NESTA saudade em que vivo
Ha um mysterio que eu estranho:
É pesar-me o bem que tive
Mais do que os males que tenho.

E ainda é maior a amargura,
Lembrando que o bem passado
Foi menos do que mesquinho,
Pois foi apenas sonhado!

Nasceu dos meus pensamentos
Altivos e namorados,
E fez, morrendo, a harmonia
Dos meus versos magoados...

E mesmo assim, que saudade
Eu tenho, de encanto estranho,
Que lembra o bem que eu não tive,
E é o maior mal dos que eu tenho!...

SÓ

NESTE mundo triste,
Nesta vida escura,
Tudo é ilusão pura,
Só minha alma existe.

Nem existe o mundo
Onde existo, assim,
Morto para tudo,
Vivo para mim.

HORAS...

AS horas a que mais quero
São as horas mais serênas:
As que não deixam em mim
Nem esperanças nem pênas.

—Horas divinas em que eu
De tudo, tudo me esqueço,
E tenho a graça do Ceu
Na indiferença em que adormeço;

Horas de encanto suave,
Divinamente esquecidas
Do tempo incerto e mudave,
Do mal de todas as vidas,

—Em vós minha alma descança
Enamorada e suspensa
Do bem da desesperança,
Da calma da indiferença...

SOLIDÃO

A Natureza é-me estranha...
E era melhor, com certeza,
Que os meus males lhe eu contasse,
Que eu sentisse a Natureza.

Mas não!, nem quero entendê-la,
Pois não posso amá-la, não!
E êste horror mais me condemna
A uma eterna solidão.

AMOR PRIMEIRO

ERA um amor desgraçado,
Um pesadêlo de fôgo,
Que foi senti-lo em minha alma,
E senti-la morrer logo...

Dêsses amores que matam
De desespêro, a quem ama!
—Antes morrer-se de frio,
Que aquecer-se àquela chama!—

CANTIGA

NÃO é um pecado êste orgulho
Que as minhas pênas abraça:
Nasci o sêr mais mesquinho,
Mas fez-me grande a Desgraça!

E hei de morrer como vivo,
Fiel à graça do amor
Que exaltou ao ceu divino
Tua glória e minha dor.

CANÇÃO

ONDAS marinhas,
Ondas, dizei-me,
Saudosamente,
Saudades minhas, do meu bem ausente...

E adormecei-me
Na pura graça
De sonho e morte.

Quero esquecer-me ... Quero esquecer-me ...
—Saudades minhas,
Vinde, saudosas, adormecer-me.

Quero esquecer-me,
Na vossa graça,
Desta anciedade que me traspassa!
Quero esquecer-me da humana sorte,
Dos seus revezes, dos seus horrores!

—Saudades minhas ... Sonho da Morte ...
—Oh meus amores!...

SERÊNAMENTE

SERÊNAMENTE, lembro o meu passado :
Das suas esperanças nada espero,
E sorrio ao seu mal desesperado
Como ao bem das promessas, que não quero.

Que hoje, da vida, só desejo a calma
Da indiferença, num sorriso aberto ...
E na certeza de que tudo é incerto,
Descansa as tuas dúvidas, pobre alma!

Do teu cansaço e tua dor, descansa!
É nêste brando enlêvo que eu te quero,
Sorrindo ao fumo duma nova esperança
Como à ilusão dum novo desespêro.

LOUVOR

LOUVADO seja Deus
Na minha solidão!
—E que ressoe, nos ceus,
Bem alto, êste pregão.—

O frio desamor
De todos os que amei,
Rasgou à minha dor
A graça que eu sonhei.

Não foi o amor de ti,
Que esse é o passado horror,
Mas sim o amor de mim,
O amor do meu amor.

—Amor sem desatino
E puro de vaidade,
Serêno e cristalino,
Em graça de humildade;

O amor de mim, de quanto eu quero,
De quanto eu tenho
Prêso dum vão sonho de antanho;
E o meu orgulho amargo e austero;

O amor de mim que às vezes cresce
Alem da minha consciencia:
O amor sem fim que me enternece
Sempre que abraça a minha ausencia;

O amor de mim — ternura imensa
Que tudo abraça:
Ternura extática e suspensa
Sôbre tudo o que vive, e morre, e passa;

O amor de mim — saudade minha
Que me desterra
Da humana sorte mísera e mesquinha,
E a luz do Ceu ao meu olhar descerra,

— Louvado seja
O amor sem fim
Que tudo aquece, e doira, e beija!

E pelo amor de mim,
Louvado seja Deus
Na minha solidão!
— E que ressoe, nos ceus,
Bem alto, êste pregão. —

CANTIGA

AI, a que lonjura
Estás do meu Desejo,
Que eu nem com lembrar-te
Mais perto te vejo!

Fôste a vida minha...
E oh ditoso espanto!:
Nem uma saudade
Lembra o teu encanto.

Só me lembra a sorte
Que ao desencantar-me
Tu sonhaste dar-me ...
— Pois foi tua, a morte. —

E ora digo ao vento
Que no escuro passa,
Que me diga novas
Da perdida graça ...

E ao lembrar a glória
Que tão alta viste:
— Onde te escondeste,
Graça lêda e triste?

Acaso morreste,
Ou nunca exististe?

ESPARSA

DORMIR ... dormir ... dormir ...
Ah, deixem-me dormir!
Dormir para esquecer
E não mais acordar!
—Não mais, não mais sorrir
Ao gôsto de sofrer!
Não mais, não mais sentir
A pêna de esperar!

Não mais, oh doce e pura,
Oh sempre namorada

Saudade dêste Amor,
Que nasces da lembrança
Em sonhos encantada,
E és a divina flor
Da mais divina esperança!

—Na Morte, emfim, descança,
Oh bem da desventura,
Tortura da esperança,!...

Não mais, não mais, Senhor
Esta alma sempre anciosa:
A vida mysteriosa
Que o meu sêr todo abraça,
E vai passando, assim,
Emquanto me traspassa
De dúvidas sem fim!

—Dormir... dormir... dormir...
Eu quero só dormir...

—Não mais sonhar e amar!
Não mais sentir, sofrer
A pêna de esperar!
Não mais, sequer, erguer,
Num vago e triste olhar,
A última esperança
Ao êrmo azul dos ceus...

—Na Morte, emfim, descança,
Oh dúvida de Deus!

USCH

USCH

TROVADOR de Portugal,
Na tarde da despedida,
Por meu bem ou por meu mal,
Dei-lhe a fé da minha vida.

—Namorou-me a sua graça
De extrangeira:
Doce mulher de outra raça,
E dos mundos caminheira,

Soube ler no olhar profundo
Dum portuguez desgraçado,
Todo um novo e estranho mundo
De beleza e de pecado!

E entendeu esta saudade
Portugueza:
Lume vivo de anciedade
Que é o bem e o mal da tristeza,
E o sonho da Eternidade!

E ei-la vai, prêsa da graça
Divinamente saudosa:
Da esperança que traspassa
A saudade mysteriosa...

E eu, desolado e scismando,
Fico a olhá-la...
— Que acento saudoso e brando,
O da sua última fala! —

Adeus! Irei ter comsigo,
Vá aonde fôr,
Que a fé do meu sonho antigo
Sorri ao seu estranho amor!

...Trovador de Portugal,
Na tarde da despedida,
Por meu bem ou por meu mal,
Dei-lhe a fé da minha vida.

CANTIGAS

CANTIGAS

I

DIZ uma velha cantiga:
«Palavras, leva-as o vento ...»
Pois leve as de amor, que eu digo,
Aonde tenho o pensamento.

II

Sois vós a graça mais linda
Da terra de Portugal,
E as cinco partes do mundo
Não têm formosura igual.

III

O meu Amor vi-o triste,
E foi alegre o meu espanto:
Naqueles olhos tão lindos
Era a tristeza um encanto!

IV

«Não ha amor como o primeiro...»
E eu digo mais e melhor:
Só o primeiro é verdadeiro,
Ha na vida um só amor!

V

Cego fiquei só de ver-te,
E cego assim me desejo:
Que em vez dos males do mundo
É a tua graça o que vejo.

VI

Não viveu quem não amou...
Mas quem nunca foi amado,
E amou com fé verdadeira,
Viveu, decerto, a dobrado!

VII

Ha uma distância infinita
Entre as estrêlas da altura;
Mas, ai, entre as nossas almas,
Ainda é maior a lonjura!

VIII

A vida passa que passa,
E passa o mal como o bem:
Só não sorri à desgraça
Quem esperanças não tem.

IX

Bem sei que a mais alta glória,
E a fé de que ela nasceu,
É tudo mentira e fumo...
Mas o fumo sobe ao ceu!

X

Estas saudades que eu tenho
Não n'as entende qualquer,
Pois são do bem que eu não tive,
Do que eu não pude perder.

XI

Quiz esquecer-te na hora
Em que esquecido me vi;
E a pensar que me esqueceste,
Ainda me lembro de ti.

XII

Faz-me pêna o meu destino,
Mas tambem m'a faz o teu,
Ao pensar que em toda a vida
Mais ninguem te quer como eu.

XIII

Como as almas são mesquinhas,
Has de ver, cheia de horror:
Não ha nelas todas juntas
Nem metade dêste amor.

XIV

Eu dava o ceu, se o tivesse,
O ceu e os mundos sem fim,
Se uma hora só esquecesse
Que te esqueceste de mim.

XV

Se é gôsto ou pêna o que sinto,
Ao ver-te agora, não sei...
—És, como sempre, a mais linda,
Mas não és a que eu amei!—

XVI

Quantas pênas tu me deste,
Tantas pênas esqueci;
Mas uma só me não passa:
A de pensar mal de ti.

À ALMA DE ROSALIA

À ALMA DE ROSALIA

¡Galicia encantada!
Cal ela ningunha,
De froles cuberta,
Cuberta de espumas!...

ROSALIA DE CASTRO.

NUMA andada por Galicia,
Junto ao mar,
Era o vento uma carícia
Devagar.

A tarde, branda, morria;
E a noite cheia de estrêlas
Suavemente cahia
Das nuvens cínzeas e belas.

—Galicia— terra encantada!,
Oh verde graça marinha!,
Que deixaste enamorada,
Para sempre, esta alma minha!

—Rosalia!, Rosalia!,
A voz do teu sentimento
Têve na minha poesia
O seu último lamento.

Pois foi-nos sorte mofina,
E para sempre mofina,
A mesma graça imortal:

A saudade peregrina
De Galicia e Portugal!

VITA NUOVA

«Não me canso de amar, e de o dizer.»

«MANHÃ DE NEVOEIRO»

MANHÃ de Nevoeiro... A névoa apaga
E cega o meu olhar...

Mas, doce, a minha voz rompe a cantar,
E sobe, da toada branda e vaga,
À exaltação da prophecia:

A névoa apaga e cega o meu olhar...
Mas, para alem, é o sol dum novo Dia.

CÂNTICO

AH, se eu soubesse
Dizer o bem e o mal que em mim senti,
Nessa hora de luz que ainda alvorece,
Na hora em que te vi!

— Quem sou? Quem fui? — E em mim, e em tudo,
Esta lembrança vaga: «Era uma vez... »
E ao fim de contemplar-te, ancioso e mudo:
— Ah, dize-me quem és!

Que eu sou ... eu fui, decerto,
Um mystico poeta e cavaleiro!
(E a Portugal antigo e verdadeiro
Ainda o memora o meu olhar incerto ...)

E quando, altivo e forte,
Eu me fui a vencer bravas contendas,
Era já o teu amor florindo a Morte
De tentações e milagrosas lendas.

Depois, da graça do Senhor tocado,
Quando Lhe disse o meu primeiro canto,
Que Êle escutou, sorrindo,
Falou-me a tua voz, num doce espanto,
E o teu olhar maravilhado
E lindo ...

E quando eu fui, mareante,
Sôbre as ondas do escuro mar antigo,
Sorrindo ao seu mysterio marulhante,
Sonhava já comtigo!

Que és tu a doce Infanta, peregrina
Dum Romanceiro ideal,
E esta saudade que ilumina
O nosso triste revival...

És a que eu vi, ao ver, entre neblinas,
Terras de Hespanha
Formosa e estranha,
E areias finas
De Portugal:
És a mais linda das três meninas
Que eu vi debaixo do laranjal!

E assim entendo, ao ver-te,
O meu amor que foi reconhecer-te...;
Mas a canção «Era uma vez...», saudosa,
Vai nesta alma espalhando
A sombra mais cruel e duvidosa;
E eu quedo-me scismando...:

E eis que ao olhar-me, assim,
Inquietamente,
Eu não me vejo a mim,
Que estou ausente!

Eu já não sou quem fui: sou a saudade
De quanto fui, captiva
Da mais impura humanidade.

E à minha pêna viva
Ainda mais a aviva
Um orgulho que ofende a caridade.

Mas, por milagre, o teu amor entende
A minha dor mesquinha
E, purissimo, esplende
Na alma minha!

E a tua mágoa, que vem de mim:
Ideal tristeza
Que é bem esta saudade portugueza
Que não tem fim,

Faz-me viver só do cuidado
De merecer-te ...— cuidado vão
Dos meus remorsos de desgraçado,
A que sempre sorri o teu perdão!

E assim eu penso,
Do teu encanto extático, suspenso:
—Sou um pecador triste e orgulhoso?
Mas não faz mal ...
—Velam por mim o teu amor saudoso
E o ceu de Portugal.

CANTIGA

EU só vi a luz ao ver-te,
Pois só em noite eu vivia:
Dão mais luz esses teus olhos
Do que o sol ao meio-dia!

CANTIGA DE EMBALAR

DESCEU a noite ha já tanto!
E ainda scismas, acordada!
—Porque scismas, doce encanto?
—Em que scismas, bem amada?

Talvez dúvidas de mim,
Dêste amor
Que ao ver-te senti sem fim
E que sinto ainda maior...

Mas esquece
Os meus cuidados de outrora,
E adormece,
Scismadôra!

Que eu, no sonho de embalar-te,
Vou cantando
A canção do teu louvor...
—Queda-te, pois, escutando
A minha voz que a exaltar-te
Canta mais alto e melhor!—

E adormece docemente,
Para sempre socegada:
Que hei de amar-te eternamente
Bem amada!

PAZ

OH meu sonho antigo
De horas mais serênas:
Sonho meu, que eu vivo,
Em desejo apenas ...

Desta vida inquieta
No tumulto estranho,
És o bem que eu tenho
— Sonho de poeta!

Esperança minha,
Lêda e suspirosa,
Adormece a minha
Dor mysteriosa ...

Mas não!, que és mentira!
Jamais hei de ter-te!,
E apenas em sonhos
Eu pude entrever-te,

Fumo evanescente
Duma vã chimera,
Mas por quem esta alma,
Ainda e sempre, espera!

— Onde existes, graça
Da mais linda sorte?
— És, talvez, mentira!
Mas esta alma anciosa
Que por ti suspira,

Pois que soube amar-te,
Quer desencantar-te,
E é por ti que vive,
Morta de anciedade,
E é por ti que morre,
Louca de temor!

— Ai, Saudade minha,
Paz consoladôra,
És talvez a Morte,
Mas jamais o Amor!

«NOITES DO MEU NÃO DORMIR...»

FALO à noite e aos seus mysterios
Infinitos...

E olhando as altas estrêlas
E as nuvens altas:
— Dizei-me, estrêlas e nuvens,
Astros e sombras do ceu,
— Se a amada minha
Me lembra ainda,
Se me esqueceu?...

E olhando as altas estrêlas
E as nuvens altas
—Todo o silêncio do ceu—
Vão-se-me as horas,
E a noite, emfim.

E assim..., assim...,
Já as estrêlas se apagaram,
E eu cerro os olhos, por fim.

Mas cerro os olhos, saudoso
Da noite que se perdeu;

E ainda uma vez
Olhando as nuvens sósinhas,
Que se ficaram sósinhas,
Eu digo: —Nuvens do ceu,
Dizei-lhe, ao menos,
Que a lembro eu.

CANTAR

Ay eu coitada como vivo
En gran cuidado por meu amigo
Que ei alongado! Muito me tarda
O meu amigo na Guarda!

El Rei Dom Sancho I.

DOM Sancho, o «cantar de amigo»
Anda-me sempre a lembrar;
Mas, como de amor, o digo,
Que Ela é quem tarda em voltar.

E a esperança já me amofina,
Pois muito, muito me tarda
Aquela Moça menina
Que o meu amor sempre aguarda!

CANÇÃO

CAMINHOS de desencanto,
Por onde andei
Louco de espanto,
Cego de pranto,
Como nem sei!,

—Vossa lembrança é-me doce,
E eu vos sorrio
Pelo bem que de vós trouxe..

Mas, quando andava,
Cheio de pêna e de frio,
Por vós, caminhos
De maldição;
E pelas sombras scismava
Na Morte e no seu mystério
Triste e sério,

—Eu não cuidava,
Na minha desolação,
Que em vossa noite ainda havia
De sorrir aos olhos meus
A divina claridade
Que só em sonhos eu via:
A alma desta Saudade
Que eu erguêra até aos ceus!

Mas quiz a sorte, caminhos
De maldição e destêrro,
Que os males dum escuro êrro
Com êle passassem, mesquinhos.

E a noite abriu-se em formosa
Manhã, de longe enublada
De vaga névoa saudosa ...

—Lêda e triste madrugada,
Desejada,
Rasga a névoa de chimera
Que ainda encobre o Claro Dia:
É em teu amor que me espera
O milagre da Harmonia.

DESTINO

LEMBRANÇAS minhas,
Desoladôras lembranças minhas,
—Que me quereis?
As minhas pênas ainda são mesquinhas
Como outrora—mesquinhas e crueis;

Mas já não lembro os êrros dum passado
Que já lá vai perdido
E só pelo seu mal foi condenado
E consumido.

E se ainda sôfro, as pênas minhas,
—Só por minhas, mesquinhas—
Já não são vossas, lembranças frias
De humana e fria história!:

Das minhas pênas de hoje —a minha glória!—
O culpado fui eu!,
O culpado sou eu!,
Mesquinho como fui e como sou,
Que um dia ergui os olhos para o ceu
E vi no ceu a luz que me cegou.

FINAL

FINAL

TROVADOR que fui,
Portuguez de raça,
Que ditosa graça
Nos meus versos flui!

Portugueza e linda,
No seu ritmo ondeia;
E, saudosa, anceia
Ser mais linda ainda...

Linda como a graça
D'onde só deriva
A que nêles passa
Namorada e viva!

Que a harmonia pura
Que os meus versos têm
Em louvor da tua,
Só de ti lhes vem.

E assim, louvo a graça
Que em meus versos flui,
Trovador que fui,
Portuguez de raça.

E é teu sempre, oh Linda,
Meu louvor maior:
Toda a minha glória
Vem do teu amor!

INDICE

INDICE

POEMAS E MAIS POEMAS

Crepuscular 11
Carta do mar 13
Súplica 17
Sinfonia 21
Subir! 25

SOMBRA

Eu 29
A meu irmão Nuno 33
Confissão 35
Exaltação 39

SAUDADE MINHA

SOMBRAS DE AMOR

Saudade 49
De noite 53
Canção 55

VIDA ESCURA

Vida escura 59
Balada do fim do mundo 63
Desolação 67
A uma mulher 69
Não vale a pêna 71
Oração 73

SAUDADE MINHA

Canção 77
A uma fonte 81
Cantiga 85

Eternidade 89
Nocturno 91
Elegia 95
Destino 101

REDEMPÇÃO

Redempção 107

DESTINO

MENINA E MOÇA

Cantico 115
Canção das lembranças de amor 119
Cantiga de saudade 123
Carta perdida 125
Cantiga 129
Olhos cegos 133
Canção 137
Ultima graça 139

CARTA A UMA ESTRANGEIRA

Carta a uma estrangeira 143

SAUDADES DE PORTUGAL

Saudades de Portugal 149
Nesta austera, apagada e vil tristeza 151
Exaltação 159
Expiação 161
Portuguez de hoje 163
El-Rei 165
Endeixas ao mar portuguez 167
O Fado 173
Destino portuguez 177
Canção 179
Canção de gesta 183
Na morte d'El-Rei D. Miguel II 185
O novo principe 189
Final 191

ALMA TRISTE

Cantiga 195
Noite alta 197
Desolação 199

ETERNIDADE

Fogo do lar 203

MANHÃ DE NEVOEIRO

HORAS

Ex-libris 213
Poeta 215
Canção perdida 219
Triste canção 223
Trova 225
Velha cantiga 227
Rimance 231
Cantiga de amigo 233
Fim 237

TRISTE HISTORIA

Triste historia 241
Cantiga de amigo 245

ESPARSA

Esparsa 249

RIMANCE DAS AGUAS

Rimance das aguas 253

MANHÃ DE NEVOEIRO

Canção 257
Cantiga 261
Louvor 265
A tua voz 267
Longe da vista 271
O teu nome 273
Cantiga 275

Cantiga 277
Ultima canção 279

DESENCANTO

DESENCANTO

Canção 287
Tristissima canção 289
Só 291
Horas 293
Solidão 295
Amor primeiro 297
Cantiga 299
Canção 301
Serênamente 303
Louvor 305
Cantiga 309
Esparsa 311

USCH

Usch 317

CANTIGAS

Cantigas 323

À ALMA DE ROSALIA

À alma de Rosalia 331

VITA NUOVA

«Manhã de nevoeiro» 335
Cântico 337
Cantiga 343
Cantiga de embalar 345
Paz 347
«Noites do meu não dormir . . .» 351
Cantar 353
Canção 355
Destino 359

FINAL

Final 363

NOTA

A ESCOLHA E DISPOSIÇÃO DAS POESIAS DÊSTE LIVRO FOI FEITA SEGUNDO INDICAÇÕES DEIXADAS PELO SEU AUTOR.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO NA ESCOLA
TIPOGRÁFICA DA IMPRENSA NACIO-
NAL DE LISBOA E ACABOU-SE
DE IMPRIMIR NOS PRELOS
DA MESMA IMPRENSA
AOS TRINTA E UM
DE JULHO DE MIL
NOVECENTOS
E VINTE E
NOVE.

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00050751211